

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NA LITERATURA
DE CORDEL: produção e fluxo

VANIA FERREIRA DA SILVA

Orientador: Prof. Dr. Lourival Pereira Pinto

Co-orientadora: Prof^a. Dra. Májory K. F. de Oliveira
Miranda

Recife

2012



VANIA FERREIRA DA SILVA



INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NA LITERATURA DE CORDEL: produção e fluxo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Lourival Pereira Pinto

Co-orientadora: Prof^ª. Dra. Májory K. F. de Oliveira
Miranda

Recife

2012

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB4-439

S586i Silva, Vânia Ferreira da
 Informação e memória na literatura de cordel: produção e fluxo
 / Vânia Ferreira da Silva. – Recife: O Autor, 2012.
 166 p.
 Orientador: Lourival Pereira Pinto
 Co-orientador: Májory K. F. de Oliveira Miranda
 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco, CAC. Ciência da Informação, 2012.
 Inclui bibliografia e apêndice.

1. Informação. 2. Memória. 3. Literatura de cordel. I. Pinto,
Lourival Pereira (Orientador). II. Miranda, Májory K. F. de Oliveira
(Co-orientador). III. Título.

025.4 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2012-73)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

Dissertação de mestrado apresentada a Pós-graduação em Ciência da Informação do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, sob o título” **informação e memória na literatura de cordel: produção e fluxo** ” orientada pelo Prof. Dr. André Felipe de Albuquerque Fell e aprovada pela Comissão Avaliadora formada pelos professores:

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lourival Pereira Pinto
Departamento de Ciência da Informação da UFPE

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
Departamento de Ciência da Informação da UFPB
(Membro Interno)

Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque
Departamento de Ciência da Informação da UFPB
(Membro Externo)



*A minha mãe, Jacira Ferreira,
por seu amor, coragem e dedicação.*

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser minha rocha, escudo e refúgio;

A minha mãe, Jacira Ferreira, por ser forte e presente, amável e essencial;

A minha irmã Vera Lúcia da Costa por ser minha educadora, minha amiga;

A minha sobrinha Valentina Soares por seus sorrisos nessa jornada e por transformar meus dias;

A meu companheiro, Bruno Ferreira, pelo apoio e dedicação;

A Minha tia Aurinete Ferreira e ao meu tio e pai João Paulino;

Ao meu orientador Lourival Pereira por seus esforços, dedicação e gentileza;

A minha Co-orientadora Májory Miranda, por estar ao meu lado durante toda essa jornada, por todas as conversas que se transformaram em aula, por todo esforço e dedicação, pela competência e gentileza;

Ao Professor Marcos Galindo pelas primeiras orientações e por acreditar em mim;

Ao Professor Raimundo Nonato pela oportunidade que me ofereceu no estágio docência, pelo conhecimento que compartilhou e por sua gentileza;

Aos demais professores e secretaria do Programa de Pós-graduação da UFPE;

Ao Prof. Carlos Xavier por todas as colocações que fez para melhoria desse trabalho;

A Prof^a Maria Elizabeth Baltar por sua publicação e suas conversas que me auxiliaram na fundamentação dessa pesquisa;

Ao excelente trabalho e cooperação de Mahely Barros, e Kléber Júnior;

Ao cordelista e amigo José Honório e a pesquisadora Maria Alice Amorim por todo o conhecimento que me passaram, por toda a contribuição que deram a essa pesquisa e pela amizade;

Aos amigos da graduação: Mônica Pereira, Vildeane Borba, Celly Brito, Rafaela Mello, Murilo Silveira e Andrea Marinho, por estarem sempre presentes na minha vida e me fazerem tão feliz;

A Vildeane Borba e Celly Brito, mais uma vez, pelas importantes contribuições que deram nesse trabalho;

Ao Diretor Mário Varejão da Biblioteca Central da UFRPE pela compreensão das minhas necessidades enquanto estudante;

Aos meus amigos da UFRPE: Suely Manzi, Marleide Guedes, Catarina Macêdo, Edson Cordeiro, Lorena Teles, Sueli Ferreira e Miranda, pelo apoio, pelo incentivo, pela ajuda no trabalho, por dividirem esse sonho comigo;

Aos amigos da Confraria da Cultura por acreditarem em mim;

A minha turma do mestrado por todas as trocas de conhecimento e risos;

A minha turma querida: Fanny do Couto, Ana Cláudia Gouveia, Adriana Buarque, Simone Rosas e Marylu Souza por abençoarem minha vida com tantos risos, cumplicidade e companheirismo;

Ao amigo Guilherme Alves, pela contribuição a esse trabalho e por toda sua disponibilidade em me atender;

Aos meus amigos, por toda força nessa jornada: Sandryne Barreto, Danielle Freire, Érika Cavalcante e Kennedy Albuquerque;

Aos poetas Marcelo Soares e Ismael Gaião por toda gentileza e disponibilidade para as entrevistas;

Ao Programa de Pesquisa em Literatura Popular da UFPB pelo conhecimento compartilhado e pelo compromisso com a divulgação e preservação da Literatura Popular Brasileira;

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

RESUMO

O cordel, além de informativo, gera relatos sociais produzidos por grupos populares. Este estudo busca descrever o fluxo de informação na produção da literatura de cordel de poetas representantes dessa vertente em Pernambuco. Analisa-se a produção do cordel informativo ao identificar as fontes primárias que originaram a busca e a necessidade de informação dos poetas, assim como a geração desse conhecimento derivada da prática social e seu diálogo com os relatos. Esse suporte informacional, o cordel, também aparece como um registro de acontecimentos. Nesse estudo, procura-se discutir a literatura de cordel como fonte de informação e o poeta como um sujeito que produz, estrutura, usa e dissemina fatos. A fundamentação teórica tem como base os conceitos de memória social apresentados por Pollak (1989) e Le Goff (2003) – que a analisam como uma busca para entender o passado a fim que este sirva o presente e dialogue com os grupos sociais, construindo assim uma memória que liberte ao invés de ser um suporte para servidão ou hierarquização de grupos – e o conceito de informação de Silva (2006) e Nascimento (2006) que a entendem como um fenômeno humano e social, construído por sujeitos dentro de um contexto social e cultural. Os instrumentos metodológicos utilizados foram a análise documental e de conteúdo, e a entrevista. Desta forma, desenvolve-se a investigação e identifica-se, através de classificação temática, a produção dos autores e os assuntos mais presentes em suas produções. As etapas se desenvolveram com a organização

do acervo pelos assuntos registrados por cada poeta, de modo a facilitar a compreensão da produção de cada um quanto ao registro dos acontecimentos e diálogo com a informação. Com base na metodologia e nos fundamentos utilizados foi então possível observar os assuntos abordados no folheto informativo que relatam fatos e lembranças de uma época, fazendo do cordel uma fonte de informação importante para compreensão de uma memória social e coletiva e ressaltando a percepção do uso que o poeta faz da informação como prática social.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Informação. Memória.

ABSTRACT

The “cordel”, besides being informative, generates a social memory produced by its grassroots groups. The goal of this study is to describe the flow of information in the production of “cordel” literature of representative poets devoted to this genre in Pernambuco. To analyze the production of informative “cordel” is to identify the poets’ primary sources, identifying the ones that originated the search and their need for information, as well as the generation of information from social practice and its dialogue with the memory. This informational production is, in itself, a way to register their memory. This study also discuss the “cordel” literature as a source of information and the poet as the subject who produces, structures, uses and disseminates the information. The theoretical framework is based on the concepts presented by Pollak (1989) and Le Goff (2003) on social memory that seeks to understand how the past can serve the present and dialogue with social groups in order to build a memory that can lead to freedom instead of being the base to vassalagem or hierarchization of groups and the concept of Information Silva (2006) and Nascimento (2006) to understand information as a human and social phenomenon, built by individuals within a social and cultural context. The methodological instruments used were the content analysis and interviews. Through these, it was possible to identify through the thematic classification of the production of the selected authors, the themes present in their production. The research started organizing the material

by topic to facilitate the understanding of the significant issues reported by each poet, and, this way, better understand the production of each poet with regard to registration of memory and dialogue with the information. Based on this methodology and on the adopted principles, It was possible to observe the subjects covered in each informative “cordel”, that reports facts and memories of a time period, making the “cordel” an important source to better understand the social and collective memory. Also to understand the perception of how the poet uses the information as a social practice.

Keywords: “Cordel” Literature. Information. Memory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Discursos de uma Interdisciplinaridade	24
2.1 Visão contemporânea da Ciência e da Ciência da Informação	27
2.2 A informação da prática social: um estudo da Ciência da Informação	30
2.3 Representação da informação	48
2.3.1 Classificação e o cordel	50
2.4 Fontes de Informação e a literatura de cordel	58
3 Memória e Informação: um diálogo com a Ciência da Informação	67
3.1 Literatura de Cordel: memórias e informação.....	80
4 METODOLOGIA	86
4.1 Procedimentos metodológicos.....	86
4.2 Instrumentos de pesquisa.....	87
4.2.1 Coleta de dados e levantamento documental.....	87
4.2.2 Análise de conteúdo	90
4.2.3 Entrevistas	99
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	101

5.1 Análises do acervo Leandro Gomes de Barros da Fundação Casa de Rui Barbosa.....	101
5.1.1 Discussão dos resultados	104
5.2 Análises do acervo José Soares da Fundação Casa de Rui Barbosa	108
5.2.1 Discussão dos resultados	110
5.2.2 Entrevista: algumas reflexões	115
5.3 Análises do acervo Ismael Gaião no site Recanto das Letras	120
5.3.1 Entrevista e reflexões	124
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.
APÊNDICE A - Algumas temáticas para Classificação da Literatura de Cordel do Acervo do poeta Leandro Gomes de Barros.	143
APÊNDICE B - Algumas temáticas para Classificação da Literatura de Cordel do Acervo do poeta José Soares.	151
APÊNDICE C - Algumas temáticas para Classificação da Literatura de cordel do Acervo do poeta Ismael Gaião.....	159
APÊNDICE D - Roteiro de entrevista sobre a produção do poeta José Soares	163
APÊNDICE E - Roteiro de entrevista sobre a produção do poeta Ismael Gaião.....	165

1 INTRODUÇÃO

O cordel português tinha um caráter erudito ao apresentar grandes clássicos. A linguagem popular do cordel veio possibilitar novas interpretações para um conteúdo, que era adaptado para os folhetos com o objetivo de aumentar a divulgação das informações. Se em Portugal o cordel se intensifica pela utilização de temas eruditos para disseminação de sua arte, no Brasil, é através do povo que o cordel se fortalece e se propaga.

No Nordeste brasileiro, esse fenômeno teve maior representatividade e aceitação. A poesia popular gerou uma motivação e logo se tornou uma aliada do povo para divulgar seus anseios, medos e alegrias, sentimentos expressos e compreendidos devido a uma tipologia de linguagem comum, simples e acessível à cultura nordestina. Neste sentido, observamos que – seja através da temática do entretenimento, da religiosidade, da política ou do social – a poesia popular se concretiza no meio rural e segue para a vida urbana, transitando da elite para o povo, tal como afirma Abreu (1999, p. 5):

No início do século, as diferenças entre campo e cidade não eram tão marcadas no Nordeste e, embora poetas e leitores pertencessem fundamentalmente às camadas pobres da população, membros da elite econômica também tinham nos folhetos e nas cantorias uma de suas principais fontes de lazer.

Diversos autores abordam a temática do cordel. Entre eles, podemos citar: Benjamim (1979) com o seu artigo *Folhetos populares intermediários no processo da comunicação*, Curran (2001) com sua obra *História do Brasil em Cordel*, e Cascudo (1984) *Literatura oral no Brasil*, dentre outros. Com isso, detectamos, no Brasil, uma produção literária intensa sobre o tema.

Se o cordel alcança a consagração na área do entretenimento, logo ele não se dissocia do seu poder informacional. Em meados do século XIX, o povo não tinha acesso a jornais ou outros meios de comunicação e utilizava o cordel para se manter informado. Segundo Luyten (apud CURRAN, 2001, p. 25): “O folheto da época é o jornal dos que não lêem jornais no interior nordestino ou mesmo daqueles que, já informados, são adeptos da poesia”.

O cordel caracteriza-se por uma literatura educativa que informa, ensina e diverte. Curran (2001, p. 20) avalia a importância do cordel como fonte de informação na sua região. Ele afirma que: “O cordel como crônica poética e história popular é a narração em versos do ‘poeta do povo’ no seu meio, ‘o jornal do povo’”.

Grillo (2007, p. [1]) afirma ainda que:

É difícil precisar a exata origem social do cordelista, ou sua posterior inserção cultural e política, que muitas vezes lhe garante certo prestígio social. Mas o diálogo e a influência recíproca entre o poeta e o seu público são intensos, garantindo que o cordel seja como uma janela aberta para se investigar outras visões e outras versões das narrativas históricas.

Observa-se, então, os versos que divertem e ao mesmo tempo traçam a história popular. Os poetas relatam fatos numa perspectiva popular e oferecem aos leitores a compreensão sobre os principais temas de debates de sua época. Cantel (apud CURRAN, 2001, p. 20)¹ em seus estudos sobre o cordel avalia-o como o documento popular mais completo do Nordeste brasileiro. Nessa visão, dimensiona-se a importância do cordel na constituição da memória popular. Santos (apud CURRAN, 2001, p. 27) diz também que “o folheto brasileiro surgiu nos fins do século XIX, e desde a sua antiga produção vem testemunhando os fatos decisivos da História do Brasil”.

Assim, estudar o cordel em Pernambuco é contribuir para compor a memória social de grupos populares, artistas da cultura popular e seu modo de narrar os fatos da época. E nessa perspectiva, entender como esses poetas utilizaram a informação a fim de produzir seus cordéis é importante para inseri-los numa perspectiva de fonte de informação e estudo para a sociedade. Curran (2001, p. 29) afirma que:

Todos são assuntos relevantes e afetam, em diferentes escalas, o cenário nacional. Mas os eventos principais, os que despertam mais o interesse do público pelo cordel são aqueles que envolvem figuras políticas importantes e os que interferem no percurso da história brasileira, tal como ela é percebida pelo povo.

¹ Utilizamos a expressão latina *apud* (citado por) porque não foi possível consultar o texto original, apesar dos esforços através de COMUT e consultas em bases de dados de várias instituições.

Nessa abordagem, encontramos a memória vista e analisada sob a ótica dos cordéis que mantem viva a história de um povo.

É necessário observar que o diálogo com a literatura de cordel sempre esteve presente no cotidiano do povo pernambucano, um dos estados do Nordeste que através dos tempos manteve viva a presença da literatura popular. Do campo à cidade, o cordel foi se intensificando e ganhando espaço entre o povo.

Em mais de 100 anos de história do cordel no Brasil, Pernambuco esteve presente no auge da literatura popular, vendida e declamada nas grandes feiras do interior e capital. Nesse sentido, consagrou grandes poetas populares como: Leandro Gomes de Barros, José Soares (Poeta-repórter), José Francisco Borges (J. Borges), José Costa Leite, José Soares da Silva (Dila), entre outros. Assistiu-se, então, a um movimento das grandes folheterias (BENJAMIN, 1979) que foram montadas no Estado de Pernambuco, como a Folheteria de Leandro Gomes de Barros e a de Manoel Camilo, que garantiu também presença na maior parte dos estados do Nordeste. Logo mais, Pernambuco assistia a presença da Gráfica de J. Borges e a Gráfica São José de José Soares da Silva, este último conhecido por seu pseudônimo Dila.

Assim sendo, a história do cordel no Brasil se proclama sempre com a presença do cenário pernambucano, onde muitos poetas que nasceram neste Estado produziram e montaram suas gráficas e tipografias, legando-nos uma história com a literatura popular. Pernambuco passou então a

ser um dos estados onde o cordel encontrou morada e concretização.

Este tipo de poesia popular ganha força com o interesse de muitas instituições e pesquisadores. Em Pernambuco, registramos diversos colecionadores de Cordel². Quanto a sua estética e estilo, o cordel – como qualquer outra literatura – tem sua própria especificidade como provam as classificações que alguns estudiosos como Ariano Suassuna e Liêdo Maranhão propuseram. No início desse trabalho, enquanto ainda era um projeto, optamos por utilizar a classificação do escritor e pesquisador Ariano Suassuna, devido sua facilidade de sintetizar outras classificações já existentes. Segue a classificação:

- 1) Ciclo heróico, trágico e épico;
- 2) Ciclo do fantástico e do maravilhoso;
- 3) Ciclo religioso e de moralidades;
- 4) Ciclo cômico, satírico e picaresco;
- 5) Ciclo histórico e circunstancial;
- 6) Ciclo de amor e de fidelidade;
- 7) Ciclo erótico e obsceno;
- 8) Ciclo político e social;
- 9) Ciclo de pelejas e desafios.

² Podemos destacar diversos acervos pessoais e institucionais que tentaram guardar essa memória, entre eles: o acervo do pesquisador Liêdo Maranhão, da pesquisadora Maria Alice Amorim, a Fundação Joaquim Nabuco, a Universidade Federal de Pernambuco, a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e o acervo particular do Professor Roberto Benjamin.

Com base na categorização acima, deteremo-nos na análise do cordel histórico e circunstancial, que Amorim (2003)³ define como: [o] que registra as notícias, como a morte de Getúlio Vargas, o menino que foi comido pelo leão do circo Vostok, um desastre de ônibus em Tacaimbó, as cheias do Capibaribe e as secas do sertão; enfim, acontecimentos que, mesmo apresentados em versos, são vistos sob a perspectiva do jornalismo.

Apesar das diversas classificações existentes de estudiosos estrangeiros e brasileiros, esse estudo teve como foco no primeiro momento, as classificações do poeta e acadêmico Ariano Suassuna e do poeta popular Irani Medeiros. Entretanto, foi necessário repensar o uso dessas classificações, direcionadas por ciclos ou tipologias, e utilizar Albuquerque (2011) que trata do tema através das classes temáticas e abrange de forma mais coerente os assuntos registrados no cordel.

Portanto, buscamos através deste estudo, identificar os processos que estimulam o registro de informação na literatura de cordel, na perspectiva do uso social da informação.

Os acervos e coleções de cordel em Pernambuco são parte relevante da herança cultural do Estado. Mas a literatura de cordel vai além, ela também é fonte de registro das

³ As citações diretas que não apresentam número de página foram retiradas de ambiente digital.

opiniões de um povo, tornando possível ouvir as vozes das pessoas não letradas e do povo sertanejo.

No passado, essas coleções eram observadas como subcultura e não encontravam espaço nas bibliotecas públicas, sendo sua preservação garantida pela ação de alguns colecionadores⁴. A partir do início século XX, houve uma mudança de paradigma, principalmente com o conceito de patrimônio⁵, refletido pela ação do folclorista Mário de Andrade. Neste momento, o cordel passa à condição de patrimônio cultural despertando o interesse das bibliotecas e academias. É sobre esse olhar, do cordel como fonte de informação, de memória e de história, que entendemos a seguinte afirmação de Santos (apud CURRAN, 2001, p.20),

É comum ouvir-se que a história do Brasil precisa ser recontada. Se a historiografia se dispõe a tal empreendimento, não pode desprezar o cotejo da versão oficial com a popular, porquanto esse confronto ajudará a escrever a verdadeira História do povo brasileiro.

⁴ Em Pernambuco, contamos com o importante acervo pessoal do Pesquisador Roberto Benjamin, e com o Acervo da pesquisadora Maria Alice Amorim, organizado em 2009 e disponível para consulta através do endereço www.cibertecadecordel.com.br. (Ver nota de rodapé anterior)

⁵ [...] todas as obras de arte pura ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares estrangeiros, residentes no Brasil. (CAVALCANTI, 2000, p.37-52 apud OLIVEIRA, 2009, p.23). Esta definição de Mário de Andrade foi alterada a pedido do Ministro Capanema no intuito de fortalecer o Estado através de monumentos históricos. Distanciando-se das expectativas de Mário de Andrade, que desejava conhecer o Brasil através de sua cultura, seja erudita ou regional. (OLIVEIRA, 2009).

O cordel nunca foi tão pesquisado como fonte de informação quanto no século XX e ainda no XXI. As pesquisas acadêmicas sobre o tema variam entre os mais diversos campos do saber.

A partir desse panorama, procuramos entender a literatura de cordel como um documento de registro da memória do seu povo. No viés da Ciência da Informação (CI), essa fonte facilita o processo de informação e comunicação em determinados contextos. Dessa forma, objetivamos também contribuir para visualização dessa memória e informação geradas, produzidas e transferidas pelos poetas populares.

Nesse sentido, a pesquisa se justifica pela necessidade de investigar os principais fundamentos dos Paradigmas da CI.

Os estudos da CI têm apontado para novas considerações dos paradigmas e buscam estudar o indivíduo em sua necessidade de uso da informação, situado em um sistema complexo (ALMEIDA et al., 2007). É através dessa perspectiva que se faz necessário que um Estado como Pernambuco, que assistiu o movimento do cordel, tenha pesquisas na área de CI que busquem compreender como a literatura de cordel recebe e faz uso dessa informação.

A CI pode dialogar com diversos grupos que produzem a notícia através de canais informais, além de buscar compreender o acesso e o uso que os indivíduos fazem das fontes e canais de informação.

As fontes informais são cada vez mais produzidas por diversos grupos. Seja por Organizações Não Governamentais (ONGs), comunidades populares ou ambientes virtuais. Notamos que há uma crescente disseminação da informação. É nesse contexto que a CI pode buscar compreender como a informação, ou as fontes dela, tem dialogado com a sociedade, e como a sociedade faz uso dessas notícias.

O cordel de circunstância relata e dissemina notícias e relatos de uma época voltadas para um segmento da sociedade (fatos históricos, do cotidiano, esporte, desastres, entre outros), mas também é utilizado para disseminar informação científica e tecnológica (inovações agrícolas, ações de programas de saúde, e outros). A CI tem muito a contribuir através de estudos que compreendam o uso dessas fontes, colocando em evidência como a sociedade tem produzido e transferido a informação. Por esses fatores, precisamos estudar e entender a informação produzida pelos mais diferentes grupos sociais. Com base nessa justificativa, nosso objetivo geral é Identificar os processos informacionais da literatura de cordel tendo em vista sua apropriação pelos grupos populares. Esse objetivo implica ainda localizar uma parcela de seus representantes significativos, em seus respectivos contextos históricos, identificar as fontes de informação utilizadas na produção; classificar, após a análise de conteúdo, o acervo dos poetas selecionados e analisar a criação e uso da informação através da literatura de cordel, sobretudo as poesias informativas e as que relatam a memória.

Essa pesquisa originou-se da reflexão de que a CI surge de uma preocupação em organizar e tornar acessível à informação científica e tecnológica, ao privilegiar informações ligadas às instituições oficiais. Talvez por isso, distanciou-se do estudo da informação produzida por outros grupos da sociedade.

A principal proposição, para a aproximação da CI com a informação da prática social e cotidiana, é que o uso do Paradigma Social na CI insere um novo olhar sobre os estudos da informação. É preciso que a CI dialogue também com a informação apropriada por grupos sociais diversos a fim de compreender como eles usam, produzem e comunicam a seus fatos e conhecimentos no seu dia-a-dia.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: discursos de uma interdisciplinaridade

A informação tem sido objeto de interesse de diferentes áreas que adotam perspectivas e metodologias próprias para entender esse objeto. Assim, autores como Capurro e Hjørland (2007, p. 160) confirmam essa premissa ao observarem que “atualmente, quase toda disciplina científica usa o conceito de informação dentro do seu próprio contexto e com relação a fenômenos específicos”. Nessa mesma linha de pensamento, Wersig (1993) aponta para a realidade de que cada disciplina que possui como objeto a informação se desenvolveu separadamente. No entanto, Pinheiro (1999) ao discutir a Ciência da Informação (CI) questiona o problema da fragmentação das disciplinas ‘interdisciplinares’, que possuem apenas aplicações de algumas práticas, e não discussões mais profundas.

Wersig (1993) e Pinheiro (1999) parecem nos esclarecer sobre a questão da interdisciplinaridade da CI com a descrição de seu uso pós-moderno que enfatiza a transferência de contribuições de outras áreas, ou apenas aplicações práticas de algumas disciplinas.

É aceitável que uma ciência não se justifique apenas pela contribuição de outras. Pinheiro (1999) discute o que seria estudar informação em CI, ao menos para quem se direciona para a área como uma Ciência Social Aplicada, que entende a informação como um fator humano, e considera os

impactos sociais, culturais, educacionais e políticos envolvidos nos processos de construção do conhecimento. Essa autora relata como direcionou sua tese, e qual seu conceito de informação:

Um dos pressupostos da tese foi o da Ciência da Informação como ciência social, tendo o seu objeto de estudo – informação –, produto do homem, inscrito em diferentes contextos, seja científico, tecnológico, educacional, político, artístico e cultural, inicialmente, mas associado à ciência.

Ao citar teóricos como Belkin e Robertson (1976), Pinheiro (1999) relata os estudos que abordam a informação como um fenômeno cognitivo.

A informação e o insight nascem no coração e na mente dos indivíduos, e que a busca e o uso da informação são um processo dinâmico e socialmente desordenado que se desdobra em camadas contingências cognitivas, emocionais e situacionais (CHOO, 2003, p. 66).

Ainda no viés da CI, Choo (2003) aborda os aspectos cognitivos, emocionais e faz referência ao contexto dos indivíduos aos nos apresentar a informação como um fator humano que direciona seu texto para entender e analisar as necessidades e usos das fontes da informação. Existe uma tríade formada por Necessidade-Busca-Uso da informação, fazendo-se necessário, assim, entender também aspectos cognitivos e emocionais no ser humano.

2.1 Visão contemporânea da Ciência e da Ciência da Informação

Pensar a ciência nos dias de hoje é, sem dúvida, se distanciar da visão de uma ciência que pretende subsidiar respostas determinantes. Hoje, os conceitos deterministas já não acham mais espaço na ciência contemporânea, como o próprio Prigogine (2009) propõe, ao discorrer sobre a inquietude das probabilidades, do pensar e refletir várias hipóteses e vários olhares sobre a ciência, a quebra de seus paradigmas e seu diálogo com a arte.

Ao refletir sobre o texto de Prigogine (2009), o leitor traz para sua realidade um amplo diálogo entre a ciência analisada e seu objeto de estudo. No nosso caso, a questão O que é a Ciência da Informação nos orienta para a afirmação de que a CI é uma ciência contemporânea, que se propõe a experimentar e dialogar com as possibilidades, que tem em seu discurso o fim das certezas. Já que o seu objeto, a informação, já nasce interdisciplinar, algo sem dúvida derivado da ciência contemporânea, que dialoga com diversas áreas.

Nesse contexto de ciência contemporânea, estudar a literatura de cordel é aventurar-se num diálogo entre o saber científico e o saber popular. O trabalho de identificar a apropriação e produção da informação por grupos populares e sua memória é cumprir o que a ciência contemporânea se propõe, e dialogar com as possibilidades. Consideramos,

então, a ênfase no diálogo com a sociedade e com o saber produzido pelo homem, independente de sua classe social.

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é um também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas (SOUSA SANTOS, 2005, p. 21).

Se atualmente conhecemos na arte a metáfora da ciência contemporânea (NOGUEIRA, 2010), entendemos que, em outros tempos, enquanto a academia produzia a ciência para seus pares, a arte seguia seu caminho guiada pela criatividade e pelo diálogo com o povo e com seu tempo, evoluindo. Estamos no momento em que a ciência tem que dialogar com a liberdade e criatividade, pois ela precisa entender seu tempo e entender o cotidiano do ser humano.

É importante tentar entender que o conhecimento, científico ou não, pode sofrer interferência de vários tipos. Ao ser humano é necessária a vida em sociedade, em comunidades, com costumes e com culturas distintas. Isso não pode ser visto como problemas ou barreiras ao conhecimento. Esse é o ponto fundamental para desenvolvimento do conhecimento científico na pós-modernidade, ou seja, o pensamento aberto ao reconhecimento dessas distinções. (FRANCELIN, 2004, p.64).

A CI, na sua contemporaneidade, busca discutir não somente a socialização da informação no viés da disseminação e acesso, mas também no uso que o indivíduo faz dela, como ela é interpretada e significada pelo individuo

que a recebe, e quantas inferências são realizadas nesse processo, seguindo o ciclo de produção, transferência e uso. Segundo Ferreira (1995, p.7), “A abordagem alternativa, ao posicionar informação como algo construído pelo ser humano, está visualizando o indivíduo em constante processo de construção, livre pra criar o que quiser junto aos sistemas ou situações”.

A ciência contemporânea, diferente da clássica e moderna, busca um diálogo com as probabilidades, não mais com a verdade absoluta, enfatizando a relação entre a sabedoria do homem no seu cotidiano e o saber científico.

Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudarmos (SOUSA SANTOS, 2005, p.59).

Analisar a informação sob a orientação de sua produção, e tentar entender quais as fontes de informação utilizadas pelo poeta, leva-nos a um ciclo no qual são inseridas inferências e significados para a construção da sua poesia informativa. O poeta insere um novo olhar sobre os fatos, gerando um novo ciclo para essa informação que por ele já foi utilizada, ou seja, esse poeta passa de receptor para produtor de conhecimento.

Nessa perspectiva, compreendemos que a CI, através de seu paradigma social, tem apontado para uma nova compreensão do seu objeto de estudo, indo além dos estudos dos sistemas e do acesso à informação, para entender o uso

e sentido que o indivíduo dá a informação dentro do seu contexto. Percorrendo um novo caminho para analisar o conhecimento, num viés contemporâneo, aproximamos essa preocupação da CI com os estudos da ciência contemporânea, preocupada em fazer um diálogo com o saber científico e com o saber do cotidiano do ser humano, partindo do pressuposto que a informação é a mesma, mas que cada indivíduo carrega em si um contexto social e cultural diferente.

Mesmo que haja cognições semelhantes, há produções e inferências distintas no que diz respeito à informação. Por isso, vale inserir nos estudos de CI uma visão contemporânea que dialogue com o conhecimento não apenas institucional ou científico, mas com o gerado pelo ser humano nos seus diferentes grupos sociais e culturais.

2.2 A informação da prática social: um estudo da Ciência da Informação

Pensar no ser social é entender como a informação chega à sociedade, aos grupos sociais e às comunidades discursivas, e como estes agentes se apropriam dela e a usam, ou como a transformam em conhecimento para compartilhar com os membros do seu grupo.

A partir daí, entendemos a informação da prática social como um pressuposto que só faz sentido se houver neste processo uma interação do sujeito como produtor e não apenas como mero receptor, ao perceber que ele também é

capaz de, através de seu contexto social gerar informação. Reflete-se, dessa forma, a condição essencial da informação, ou seja, seu uso e produção pela sociedade.

Como uma ciência contemporânea, a Ciência da Informação está em constante desenvolvimento e alterações dos seus paradigmas. No princípio, direcionou seus estudos para organização e acesso à informação de instituições científicas civis ou privadas, muito voltada para sua organização, acesso e uso como estratégia no desenvolvimento econômico e político de países desenvolvidos. Atualmente, a CI empreende esforços para estudos também voltados para compreender a cognição dos sujeitos e da sociedade.

Nesse percurso, alguns paradigmas da Ciência da Informação sofreram mudanças de acordo com sua evolução. Um estudo realizado por Heidi Julien e Lawrence J. Duggan (2000 apud NASCIMENTO, 2006, p. 27) revela, através dos artigos científicos produzidos na área de CI, a evolução da área e o direcionamento das investigações na CI, como observamos abaixo.

<u>Quadro n. 1: Evolução da área da Ciência da Informação, segundo a análise de artigos científicos publicados</u>		
Período	Autores	Direcionamento das investigações científicas
1965-1985	JÄRVELIN, VAKKARI (1992)	foco nos problemas de armazenamento e recuperação da informação.
1978-1985	DERVIN. NILAN (1986)	mudança de paradigma: do tradicional (a informação é objetiva e o usuário é visto como processador de informação) ao alternativo (a informação é algo construído pelos seres humanos e o usuário é visto como aquele que constrói significados).
1984-1989	HEWINS (1990)	aumento de estudos interdisciplinares versus a continuidade de pesquisas sobre os processos cognitivos.
1990-1998	JULIEN (2000)	progresso das pesquisas sobre desenho de sistema e cognição do usuário, baseados na trilogia da teoria, métodos de pesquisa e interdisciplinaridade, influenciados pelas Ciências Sociais.

Fonte: Nascimento (2006, p. 27)

Nessa mesma linha de pensamento, Capurro (2003) sugere três paradigmas na Ciência da Informação: o físico, o cognitivo e o social. A seguir, discutiremos como os três paradigmas interferem na informação no contexto social, ao deixar claro que a utilizaremos pensando nas comunidades produtoras de conhecimento e que não estão inseridas nos espaços institucionalizados. É necessário compreender a evolução dos paradigmas para entendermos a atual preocupação da CI com o paradigma social, e refletir sobre o indivíduo no processo de busca, produção e uso da informação, e suas inferências sociais, históricas e culturais.

O **paradigma físico**, analisado por Capurro (2003), nos revela que a CI direcionou seus estudos para um

engessamento próprio da ciência clássica, trazendo para ela, oriunda de uma necessidade da sociedade, diretrizes marcadas pela dureza de números e fórmulas. Assim, leva em consideração somente o processo de emissão e recepção da mensagem, excluindo desse mesmo processo, o fator primordial no fluxo da informação, que é o ser humano, que traz consigo uma visão de mundo, sua cultura, língua e conhecimentos.

Diante desse paradigma, é difícil conceber uma ciência com uma responsabilidade social que, originada de uma necessidade da sociedade, traz consigo um fator determinante, que é estudar seu objeto, a informação, no seu meio de produção, organização e acesso. Sendo assim, é impossível tratar dessa ciência sem as implicações de cognição do sujeito, que busca e recebe esse conhecimento. A informação científica, tecnológica, social ou artística deve ter como princípio norteador o ser humano, e seu papel ativo em todo processo de geração, organização e uso da informação.

No **paradigma cognitivo**, Capurro (2003), discute a inserção de indicativos sobre a informação da prática social, sua aplicação e uso, e como têm tido grande impacto nos estudos e concepção de sistemas de recuperação da informação, levando-se em consideração o indivíduo cognoscente e seus modelos mentais no processo informacional. Ainda Capurro (2003) considera que esse indivíduo leva consigo modelos próprios que não podem ser generalizados, e que cada indivíduo tem sua forma de interpretar o mundo. Apesar dos paradigmas cognitivo e social

dialogarem, fica claro que o paradigma cognitivo dirige seus estudos para os modelos mentais e como estes interferem na recuperação da informação.

Contudo, mesmo com esse olhar direcionado aos modelos mentais, é preciso entender esse sujeito e sua herança sócio-cultural. O paradigma cognitivo trouxe grandes contribuições para a área da CI, procurando levar em consideração o sujeito no seu processo cognitivo diante dos modelos de recuperação da informação. Porém, é preciso considerar esse mesmo sujeito como partícipe nos mais diversos grupos sociais.

Sobre o paradigma social, Capurro (2003) discute a questão da informação levando em conta não só o ser cognoscente, mas também seu contexto social, histórico e cultural, considerando “os condicionamentos sociais e materiais do existir humano” (CAPURRO, 2003) – fatores fundamentais quando pensamos nos processos informacionais e no uso, produção e fluxo da informação em diferentes contextos. Frohmann (1995, p. 282) afirma que:

o ponto de vista cognitivo relega os processos sociais de produção, distribuição, intercâmbio e consumo de informação a um nível numênico, indicado somente por seus efeitos nas representações de geradores de imagens atomizadas. A construção social dos processos informativos, ou seja, a constituição social das necessidades dos usuários, dos arquivos de conhecimentos e dos esquemas de produção, transmissão, distribuição e consumo de imagens, exclui-se, pois, da teoria da biblioteconomia e da ciência da informação.

Dessa forma, Frohmann (1995) questiona o olhar do paradigma cognitivo, levando em consideração a construção social dos processos informativos e, sobretudo do indivíduo com seus condicionamentos culturais, pois a informação pode ser a mesma, mas os sujeitos se diferenciam por sua condição social, histórica e cultural. Para o autor, “essas necessidades próprias, os esquemas e o ambiente formam a base do contexto do comportamento de busca de informação” (FERREIRA, 1995, p.6).

Foi possível para a CI, por um tempo, fundamentar-se apenas no paradigma físico e resolver suas questões. Assim também sucedeu com o cognitivo, mas surgiram outros questionamentos sobre a produção e fluxo da informação, principalmente sobre os aspectos sociais e culturais que propiciam a criação e busca da informação em diferentes grupos sociais, suas competências e habilidades que estão intrinsecamente ligadas às condições de vida e aos contextos dos sujeitos.

Segundo Ferreira (1995), ao analisarmos a informação como algo externo ao indivíduo, esquecemos que estes têm seus próprios estoques internos de informação e realidade distinta, e que, através disto, eles compreendem os fatos externos e seu momento atual.

Frohmann (1995) destaca a construção social dos processos informativos e nos faz refletir sobre a constituição destes em diferentes comunidades discursivas, estabelecendo que os fatores de interferência para um grupo inserido num universo acadêmico não serão os mesmos que irão interferir num grupo que não seja institucionalizado. Nesse momento, é

importante que a CI esteja apta a dar alternativas e questionar seu papel com uma ciência social, promovendo ações que estudem diferentes comunidades discursivas e seus processos informativos, oferecendo ao sujeito, através da informação, um novo estágio de conhecimento. Barreto (2002) diz que:

Assim é nossa crença que o destino final, o objetivo do trabalho com a informação é promover o desenvolvimento do indivíduo de seu grupo e da sociedade. Entendemos desenvolvimento de uma forma ampla, como um acréscimo de bem estar, um novo estágio de qualidade de convivência, alcançado através da informação. A ação social maior é fazer a luz brilhar para cada ser humano através da informação como mediadora do conhecimento.

O questionamento central é perceber o percurso de uma ciência que nasce de uma necessidade, e, como se fosse uma consequência natural, tenha se orientado por estudar a informação em órgãos institucionalizados com o passar dos anos. Para sua maturidade como ciência esperamos que a CI percorra caminhos que socializem a informação de diferentes grupos, entendendo a informação como um elemento fundamental que circula em comunidades e por meio dos mais diversos grupos em seus espaços de troca.

A CI estuda seu objeto, a informação, através do uso de técnicas emergentes de outras áreas, como: os estudos métricos, estatísticos, corporativos, organizacionais, entre outros. Os estudos realizados na área se comprometem a

identificar e analisar a geração, produção, armazenamento, transferência e uso da informação.

Esses estudos se direcionam para a informação acadêmica ou institucional, promovendo a ligação da organização do conhecimento com uso das tecnologias para acesso e uso.

A CI, como uma ciência social aplicada, estuda os aspectos sociais da informação, entendendo-a como um fenômeno humano e social, portanto tal fenômeno é existente em qualquer grupo social. Segundo Azevedo Netto (1999, p.138):

Considerando que a CI tem sua atuação voltada aos processos informacionais no interior da comunicação, dirige-se obrigatoriamente, à interação de indivíduos na sociedade. A Ciência da Informação, portanto, seria aquela disciplina científica voltada para o estudo da informação em suas diferentes manifestações e fenômenos, no interior do social, por meio da interface com diferentes campos e domínios do saber, desde as das ciências exatas/naturais, passando pelas ciências sociais/humanas, chegando aos domínios extra-científicos, tais como a filosofia e a arte, por exemplo.

Portanto, a CI se compromete com o estudo da informação na sociedade como um todo, sem restrições de classes ou grupos sociais, buscando identificar dentro ou fora da Academia os fatores que influenciam sua produção e seu acesso.

É importante analisar como a área tem se esforçado para dirigir seus estudos para compreender a informação e

seu processo nos grupos sociais extra-acadêmicos, ou seja, o fenômeno humano e social da produção, e como tem procurado dialogar com a informação da prática social, gerada por agentes sociais em suas mais variadas manifestações culturais. Marteleto (1986, p.47) afirma que:

Como Roberts⁶ que acredita que outros grupos, além de cientistas e tecnólogos, devem ser considerados, assim como suas necessidades e práticas de informação, pois as implicações sociais da comunicação e da informação são tais, que somente uma base social ampla será aceitável como área de estudos, para uma Ciência da Informação.

Nesse contexto, inserimos a informação nos âmbitos da sociedade, seus grupos e etnias, tentando entender esse fenômeno social nos seus espaços de troca.

Compreendemos a informação da prática social como aquela produzida, alterada, consumida por agentes que lhe agregam valor com sua visão de mundo, competências e habilidades dentro da comunidade em que estão inseridos. Assim afirmam Nascimento e Marteleto (2004):

O paradigma social da informação de Hjørland⁷ está associado a um conjunto de atividades exercidas pelos e para os sujeitos e, por isso, não pode estar separado

⁶ Pós-graduado da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Universidade de Sheffield (Inglaterra).

⁷ Birger Hjørland, bibliotecário dinamarquês é um conceituado teórico da área da Ciência da Informação, seus estudos sobre Organização e Conhecimento e seu diálogo com psicologia trouxeram grandes contribuições a CI.

das características físicas e contextuais e, essencialmente, das peculiaridades dos agentes concatenados em seus espaços sociais e culturais. As diversas condições sociais de produção do *habitus* e *capital* de cada sujeito revelam as oposições e conflitos, subjetividades, relações de força e poder, interesses, contradições e tensões que alimentam, historicamente, e progressivamente, o *campo* de conhecimento (grifo dos autores).

É através desse sujeito que atribui forma ao que recebe e troca com outros agentes sociais que podemos identificar o processo de produção do conhecimento no espaço social e temporal dos indivíduos. A informação como fenômeno humano e social produz um ciclo que passa desde a criação até sua transferência e uso. É necessário que a CI, enquanto ciência social desempenhe um importante papel na organização do conhecimento humano, seja ele científico, tecnológico, artístico ou cultural.

O conhecimento científico e tecnológico tem um espaço mais abrangente na Ciência da Informação por estarem estreitamente ligadas com o desenvolvimento econômico e político de um país, trazendo benefícios mais diretos e gerando capital nessas áreas. Oliveira (2007) direciona a informação para um processo construído e reconstruído pelo sujeito, que age inserindo seu contexto e visão de mundo. Segundo Oliveira (2007, p. 73):

Todos esses aspectos consolidam uma preocupação com a pouca expressividade de trabalhos voltados para a informação social na atualidade, o que sugere a

necessidade de ampliação de uma base teórica mais rigorosa sobre a temática. Especialmente, que esteja presente a busca por conhecimentos que relacionem a informação à vida contemporânea e possam dimensionar o papel social da informação.

Dessa forma, compreendemos que o processo de produção, organização, transferência e uso da informação pode ocorrer em qualquer espaço, e entendemos que este está intimamente ligado ao sujeito que atribui valor quando “dá forma” e comunica conhecimento. Esse fenômeno, informação, se dá em diversos segmentos da sociedade, sendo assim, a CI tem como compromisso social analisar esse processo respeitando os mais diferentes grupos sociais, e suas formas de comunicar o conhecimento e trocar seus saberes.

Quando direcionamos nossos estudos para a informação nas comunidades, notamos que cada grupo social tem sua própria maneira de interpretar os fatos, e que não são apenas receptores passivos, pois geram, usam e disseminam conhecimento através de seus próprios meios e públicos. Se não observamos isso,

Estamos ignorando o fato de que o ser humano cria sua própria realidade e tem seus próprios estoques internos de informação, os quais são usados para compreender as informações externas e as diferentes situações em que os indivíduos se encontram em dado momento (FERREIRA, 1995, p.3).

As comunidades interpretativas têm seus agentes sociais que formulam novos parâmetros de produção e

organização do conhecimento, utilizam dos meios oficiais e geram a informação da prática social. O conhecimento não deve ser analisado como um bem simbólico de classes específicas, ou seja, classes dominantes, mas sim, um bem simbólico da sociedade, respeitando os grupos sociais de todos os setores. Swales (1990) apud Nascimento (2006) diz que as comunidades discursivas se formam para atuar em torno de objetivos comuns, e que, apesar de serem grupos sociolinguísticos heterogêneos, partilham de interesses ocupacionais ou recreativos comuns.

Num país como o Brasil, devemos pensar a informação dentro de um contexto econômico, político, social e cultural, levando em consideração a estrutura excludente. Marteleto, Ribeiro e Guimarães (2002, p. 75) afirmam que:

No caso de países como o Brasil, soma-se ainda a questão dos direitos de cidadania, do agir político, não exercidos por grande parcela da população, sem visibilidade e expressão nos meios de comunicação e privada do acesso ao consumo, ao emprego, educação, saúde, dentre outros bens, equipamentos e serviços coletivos.

É preciso entender como a informação se configura em poder simbólico de enfrentamento. Gerar informação com mais sentido para uma determinada comunidade, é criar uma maneira própria de interpretação e transferência da informação. Isso significa comunicar com maior facilidade a um determinado grupo e oferecer a ele oportunidade de contribuir para um diálogo com base em algo compreensível e acessível.

Marteleteo, Ribeiro e Guimarães (2002) nos alertam para o fato do conhecimento originar-se de diversas formas e modos de produção de saberes, não sendo sinônimo de ciência. O que pretendemos aqui, não é posicionar hierarquicamente os saberes, informação ou conhecimento, mas sim, abrir um diálogo democrático no estudo aos diversos tipos de conhecimento gerados pela sociedade civil, estatal ou acadêmica, ou seja, visualizar e comunicar a informação gerada pelas diversas esferas sociais. Nascimento (2006, p.29) afirma que:

Ora, se a informação não é apenas uma 'coisa' a ser fisicamente observada, e sim historicamente construída, pois é ela que 'dá forma a alguma coisa', podemos concluir que os sujeitos criam mecanismos informacionais (percepção, memória, imagem, etc.) para reconhecer, interpretar e transmitir significados. Ou seja, agir. Como resultado, entendemos a informação, renascida do seu sentido ontológico, apenas se inserida dentro de seu contexto cultural e social e não apenas causal ou natural.

A CI tem aberto importantes diálogos a respeito da informação da prática social, gerada, disseminada e utilizada por grupos sociais fora do contexto tecnológico ou acadêmico. Algumas autoras como Marteleteo (1986), Nascimento (2006) e Oliveira (2007), confirmam isso, ao inserir um olhar sobre esses outros produtores de informação. A CI pode tornar visível a produção dos diversos grupos e comunicar o conhecimento gerado por essas comunidades.

Assim, a informação deve ser constituída como problema da sociedade, configurado como um

fenômeno da ordem cultural e da humanidade. Se assim é, faz-se necessário aprofundar na investigação que incorpore o significado ontológico da informação de *dar forma a alguma coisa*, vinculado ao seu potencial informativo dentro de seu contexto social e cultural e não às suas características permanentes ou inerentes (NASCIMENTO, 2006, p.30).

A informação configura-se num importante elemento do paradigma social, que por sua vez, se preocupa com o processo de conhecimento na sociedade, entendendo o indivíduo como começo, meio e fim do objeto da CI, a informação. De acordo com Ferreira (1995), “a natureza das pessoas, como elas agem, e a natureza da informação, como ela auxilia, tornam-se as questões nevrálgicas aos estudos recentes”. Através dos fluxos e estruturas da informação podemos entender as estruturas e fluxos sociais.

Dessa forma, faz-se necessária uma perspectiva mais ampla dos conceitos de informação, e que estejam voltados também para esse fenômeno junto às comunidades interpretativas como os grupos sociais, culturais e populares. Burke (2003, p. 21) afirma que:

Hoje, depois do que pode ser considerado como uma “reabilitação” do saber local e do conhecimento cotidiano, deve ter ficado óbvio que há “conhecimentos” no plural em toda cultura, e que a história social, como a sociologia, deve se ocupar “de tudo o que passa por conhecimento na sociedade”.

Como uma ciência social aplicada, compreendemos que – assim como a sociologia para Burke (2003) devia se ocupar do conhecimento originário de todas as esferas sociais da sociedade – a CI deve inscrever uma nova perspectiva quanto à informação da prática social oriunda dos diferentes grupos. Entendemos, dessa forma, que a informação acadêmica, tecnológica, social e cultural pode oferecer trocas importantes no desenvolvimento humano, social, econômico, educacional e político.

A informação da prática social dá oportunidade de compreender o fenômeno informação também pelo viés da microssociologia, ao interagir com pequenos grupos sociais, redes ou como Burke (2003) diz “comunidades epistemológicas” que produzem, organizam, usam e transferem os saberes com seus pares ou comunidades. Assim, concordamos que:

Ciência da Informação tem como sua principal preocupação a geração, transmissão e uso de informações dentro de um determinado setor da comunidade - a científica, cujas atividades sejam exercidas dentro de formas institucionalizadas apoiadas pela organização de serviços primários e secundários. Por definição, os estudos dos processos de comunicação dentro dos grupos não-científicos da ciência da informação são excluídos de formulário (ROBERTS, 1976, p.250, tradução nossa).⁸

⁸ Information science has, as its prime concern, the generation, transmission and use of information within a specified sector of the community - the scientific- whose activities are pursued within institutionalised forms supported by organised primary and secondary services. By definition,

A CI, através do estudo da informação da prática social, pode fortalecer a perspectiva do paradigma social que busca entender e analisar as práticas informacionais nos grupos sociais, e suas contribuições para a sociedade, a fim de oferecer informações compatíveis às necessidades de cada grupo.

É comum falar em sociedade da informação e não levar em consideração o fenômeno informação nas diversas esferas sociais e, sobretudo, sem considerar a apropriação pelos diferentes grupos. Notamos que o conceito *sociedade da informação* é globalizador e, que não busca estudar o contexto social e histórico dos mais diferentes países.

A CI, por três décadas, percorreu uma trajetória de estudos relacionados à informação originada das instituições oficiais. Entendemos que esse processo foi válido, pois trouxe para a CI uma dimensão aplicada do seu objeto no que diz respeito à organização, transferência e uso da informação como fatores importantes na tomada de decisão dessas instituições. Hoje, com essa ligação já consolidada da CI com a informação acadêmica ou tecnológica, é necessário que os estudiosos possam direcionar esforços para outros grupos e comunidades discursivas, considerando-se a aptidão de cada grupo, a politização e o engajamento de cada um.

studies of communication processes within non-scientific groups are excluded from information science.

Segundo Hjørland (2004, p. 4) comunidade discursiva: “[...] pode ser uma disciplina, um campo escolar. Pode ser ainda uma comunidade discursiva conectada a um partido político, à religião, ao comércio, ou a um lazer”, ou seja, uma comunidade discursiva pode ser uma rede social.

Pensamos o termo informação da prática social, como símbolos e signos interpretados e produzidos por indivíduos e comunidades em seu dia-a-dia nas mais diferentes esferas sociais. Essa informação não é apenas social por causar impacto na sociedade, mas por ser produzida pelos grupos e interagir com o contexto de vida do cidadão, dentro de suas comunidades discursivas.

O aparato científico e tecnológico estudado pela CI ofereceu pressupostos teóricos sobre o que organizar, transferir ou usar dentro do seu objeto de estudo. Pensamos que é importante o estudo da informação gerada por grupos institucionalizados, mas que isso não pode acontecer em detrimento dos demais grupos. Silva (2006, p.24) diz que:

Desde já, importa esclarecer que entendemos a informação como fenômeno humano e social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona, interage com o mundo sensível a sua volta e a comunidade de sujeitos que comunicam entre si.

É a partir desse fenômeno humano e social, do sujeito que pensa, se emociona e antes de tudo interage com o mundo, que, em suma, dialoga com a informação de acordo com seu contexto sócio-cultural, que se entende o quão importante é estudar essa informação. O uso social da informação permite ao sujeito interagir com sua época,

inscrever-se nela como agente ativo, formador de opinião e mudanças.

É preciso reconsiderar nossa visão sobre a Ciência da Informação. Se a virmos como ciência apenas direcionada à informação científica e tecnológica, estaremos, nesse sentido, contribuindo para fomentar a exclusão, entendendo que todo ser humano que não esteja ligado aos saberes acadêmicos ou tecnológicos não é capaz de produzir, organizar, transferir ou usar a informação. Ferreira (1995, p. 5) ressalta que:

Enquanto os estudos passados - centrados no sistema - eram definidos em bases sociológicas, observando-se grupos de usuários (por exemplo: químicos e físicos; universitários e escolares; crianças e adultos; negros e brancos), atualmente as pesquisas estão centradas no indivíduo, partindo de uma perspectiva cognitiva, buscando interpretar necessidades de informação tanto intelectuais como sociológicas. Análises estão sendo feitas sobre as características únicas de cada usuário buscando chegar às cognições comuns à maioria deles.

Ferreira (1995), ao analisar as abordagens alternativas dos estudos do usuário, discute sobre a informação como um dado que o indivíduo atribui vida, faz relações, observa, dá sentido, ou seja, interage diretamente conferindo significação, ou re-significação.

Partimos da definição de Oliveira (2007, p.13) que associa “*informação da prática social*, à geração, recepção e transmissão de informações pautadas nas práticas informacionais existentes num campo social; nas quais está contida a cultura”. Assim, procura-se subsidiar estudos que tenham como foco a informação de grupos e comunidades

discursivas, entendendo como a Ciência da Informação analisa os processos da informação da prática social produzidas por esses indivíduos.

2.3 Representação da informação

O ser humano é dotado de conhecimento, saberes que o acompanham por toda sua vida. Cada indivíduo difere no que diz respeito ao desenvolvimento dos seus conhecimentos. Da mesma forma também variam as informações de cada campo do saber, e os modos pelos quais os intelectuais de cada área criam seus conceitos: “Cada um desses campos pelos quais ele transita diariamente tem seu código específico” (BACCEGA, 2002, p.9). Vital (2010, p.37) nos diz que:

Sendo assim, quando falamos em conhecimento e sua representação e organização, nos referimos a esquemas mentais criados por indivíduos na tentativa de entender o mundo que os cerca. Quando criamos a representação de uma área do conhecimento estamos criando, a partir de um determinado ponto de vista, um mapa dos conhecimentos tratados por essa área, através de seus conceitos.

A representação da informação envolve dois passos principais: a análise documentária, que acontece quando analisamos os assuntos de um documento, e a colocação dos resultados dessa análise numa expressão linguística, atribuindo conceitos ao documento analisado.

A análise documentária trabalha a fim de analisar, sintetizar e representar a informação, tornando possível sua recuperação e acesso (CINTRA et al, 2002, p.34).

As áreas de conhecimentos criam seus conceitos através de uma linguagem polissêmica, para representar a informação desses campos do saber. Através da análise documentária, introduzimos a linguagem documentária a esses documentos: “Essas linguagens são, pois, construídas para indexação, armazenamento e recuperação da informação e correspondem a sistemas de símbolos destinados a “traduzir” os conteúdos dos documentos” (CINTRA et al, 2002, p.33).

Modelos de representação do conhecimento são adotados na sistematização de conceitos de determinadas áreas com o objetivo de representar conteúdos informacionais para recuperação. São exemplos as classificações, tesouros, ontologias e taxonomias (VITAL, 2010, p.38).

Na tentativa de representar a informação, modelos de representação foram elaborados para sistematizar os conceitos, e colaboraram de forma significativa para disseminação e acesso a informação. Dessa forma, buscamos entender como se dá a contribuição da classificação nas áreas do conhecimento (Como a Biblioteconomia e Filosofia) e na literatura de cordel.

2.3.1 Classificação e o cordel

Classificar e organizar sempre foi uma necessidade inerente às áreas como a Biblioteconomia/Documentação e Arquivologia. Figueiredo (1992) relata a importância das leis de Ranganathan, bibliotecário indiano, no que diz respeito aos serviços de uma unidade de informação. Do ponto de vista de Ranganathan, havia uma preocupação maior com o físico, em organizar os artefatos, em organizar para preservar e tornar acessível. Nesse sentido, Ranganathan contribui de forma significativa com sua lei “a cada leitor o seu livro”⁹, demonstrando interesse em entender as necessidades informacionais de cada leitor.

Figueiredo (1992) nos mostra que Ranganathan, mesmo focando suas leis em serviços, prestou uma importante contribuição para o paradigma físico. Suas cinco leis apresentam uma preocupação com a disseminação da informação e com o cuidado com a informação adequada à necessidade de cada leitor. Ou seja, Figueiredo (1992), através de levantamento bibliográfico, compreende a visão moderna das leis de Ranganathan de acordo com a análise de autores da área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia.

As cinco leis de Ranganathan discutem o comportamento e as mudanças nos serviços de informação,

⁹ Primeira lei de Ranganathan.

mas vai além quando se preocupa com o preparo profissional do bibliotecário para organização da informação, entendendo que essas unidades de informação “são organismos em crescimento”¹⁰. Essa preocupação com a organização da informação sempre foi acompanhada por instrumentos de classificação que tinham como um dos seus objetivos a organização da informação para eficácia na recuperação dos documentos.

Os instrumentos utilizados para classificação, como os tesouros, terminologias ou tabelas, organizam determinados conceitos de uma área para dar visibilidade às informações e tornar seu uso e acesso mais eficiente.

Na verdade, nada nos parece mais "natural", óbvio e indiscutível que as classificações dos entes, dos factos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos. Elas constituem os pontos estáveis que nos impedem de rodopiar sem solo, perdidos no desconforto do inominável, da ausência de "idades" ou "geografias". Só elas nos permitem orientar-nos no mundo à nossa volta, estabelecer hábitos, semelhanças e diferenças, reconhecer os lugares, os espaços, os seres, os acontecimentos; ordená-los, agrupá-los, aproximá-los uns dos outros, mantê-los em conjunto ou afastá-los irremediavelmente (POMBO, grifo do autor).

Campos (1995) e Pombo abordam em seus textos a necessidade do ser humano em classificar e como os

¹⁰ Quinta lei de Ranganathan.

pensadores de diversas áreas têm se debruçado sobre a questão da classificação e representação da informação. Pombo ([s.d.]) aborda a classificação no campo da Filosofia e no campo da Biblioteconomia e Documentação, apontando que, enquanto a Filosofia foca na “adequação da classificação e do domínio do objeto”, a Biblioteconomia e Documentação “propõem resolver os problemas de eficiência prática em termos teóricos e conceptuais”.

Nessa ruptura de um paradigma físico para um paradigma que Cook (1998) diz ser pós-moderno, e que hoje nos sinaliza contemporâneo, o autor afirma a mudança do foco no artefato para os produtores de informação, na preocupação de como essa informação está sendo gerada, utilizada e disseminada nos mais diferentes meios. Cook parte de uma concepção que envolve o objeto da ação para o entendimento cognitivo e social da geração e uso da informação, tendo como foco um indivíduo social e cognitivo.

Há mil anos, quando a sociedade passou do registro oral para o escrito, o enfoque dos arquivistas também mudou, da lembrança da ação para o cuidado dos artefatos escritos que davam testemunho da ação. Agora, à medida que a sociedade passa, junto com um novo milênio, dos documentos escritos fixos para documentos eletrônicos virtuais, e de organizações estáveis para outras, transitórias, os arquivistas também precisam mudar o foco primordial de sua atenção, deixando o cuidado daqueles artefatos físicos (os documentos) para passar à pesquisa e ao entendimento das funções e atividades dos criadores de documentos, e dos processos correlatos de geração de registros, para que os arquivos possam efetivamente ser criados (COOK, 1998, p.143).

Há, portanto, diversas áreas como a Arquivologia, Filosofia, Biblioteconomia e Documentação dialogando com a questão da classificação, em busca da organização do conhecimento para proporcionar visualização, acesso e uso, ou seja, comprometidas com a questão de categorizar e pensar o mundo.

Assim como os diversos campos do conhecimento, o mundo da literatura de cordel sentiu necessidade de classificar suas poesias e diferentes estudiosos da cultura popular se empenharam em realizar essa tarefa. Em mais de 100 anos da presença da literatura de cordel no Brasil, muitas foram às temáticas abordadas pelos poetas. Algumas acompanharam ciclos registrando a História do Brasil, fazendo rir e sonhar o povo, outras buscaram temáticas (Como a política, fenômenos naturais e esportes) para escrever suas memórias.

Albuquerque (2011) em sua tese *Literatura Popular de Cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica* faz um levantamento das classificações para literatura de cordel dos mais diferentes estudiosos, e contribui de forma significativa ao registrar todas essas classificações que ocorreram no decorrer dos mais de 100 anos da presença do cordel no Brasil.

Na tentativa de propor a expansão da classe de Literatura Popular nas Classificações Bibliográficas, deparamos inicialmente com a questão das propostas de alguns estudiosos, que ora as classificam por temas, ora por “tipologias” e ora por “ciclos temáticos” e, ainda, por “gêneros”. É neste universo de múltiplos temas, como o romance, a valentia, o gracejo, o desafio, o encantamento, o heroísmo, a religião, a moral, a sátira,

a história e muitos outros que o cordel é estudado, pesquisado e debatido em ciclos literários como manifestação da cultura popular (ALBUQUERQUE, 2011, p.55).

Apesar das diversas classificações existentes de estudiosos estrangeiros e brasileiros, este estudo teve como foco, no primeiro momento das pesquisas, as classificações do poeta e acadêmico Ariano Suassuna e do poeta popular Irani Medeiros.

Tanto Ariano Suassuna quanto Irani Medeiros classificam a literatura de cordel por ciclos temáticos, embora Ariano Suassuna utilize também tipologias para classificar poetas e romances.

A classificação de Ariano Suassuna segue o seguinte esquema:

Ciclos Temáticos:

- a. Ciclo Heróico, Trágico e Épico
- b. Ciclo do Fantástico e do Maravilhoso
- c. Ciclo Religioso e de Moralidades
- d. Ciclo Cômico, Satírico e Picaresco
- e. Ciclo Histórico e Circunstancial
- f. Ciclo do Amor e de Fidelidade
- g. Ciclo Erótico e Obsceno
- h. Ciclo Político e Social

i. Ciclo de Pelejas e Desafios

Tipologias dos Poetas Populares:

- a. Poetas de loas e folhetos
- b. Cantador de repente
- c. Poeta de estro, cavalgação e reinação
- d. Poeta de sangue
- e. Poeta de ciência
- f. Poeta de pacto e estrada
- g. Poeta de memória
- h. Poeta de planeta

Tipologia dos Romances:

- a. de amor
- b. de safadeza e de putaria
- c. cangaceiros e cavalarianos
- d. de exemplo
- e. de espertezas, estradeirices e quengadas
- f. jornaleiros
- g. profecia e assombração

Já a classificação de Irani Medeiros, que segue abaixo, apresenta-nos os folhetos:

- a. da utopia: folhetos cujos assuntos fogem à realidade

- b. do marido logrado: folhetos que tem como tema o marido enganado, o corno, chifrudo
- c. do demônio logrado: folhetos sobre o diabo que é por todos enganado
- d. dos bichos que falam: folhetos que exploram o tema dos bichos que falam, algumas vezes, verdadeiras lições de moral aos homens
- e. erótico da obscenidade: folhetos que têm o sexo como temática, representado simbolicamente por muitos de seus apelativos usados no Nordeste, como banana, macaxeira, fumo, quiabo, lingüiça, dentre outros.
- f. de exemplos e maldições: folhetos que falam de pessoas que se transformaram em bichos por haverem profanado o sagrado.
- g. heróico fantástico: folhetos que contam as bravuras dos cangaceiros e dos amarelinhos que ninguém dá nada por eles mas que são capazes de lutar e vencer homens fortes.
- h. histórico e circunstancial: em que os poetas populares tomam conhecimento do cotidiano local, regional, nacional e universal.
- i. do amor e bravura: onde o amor e bravura são representados por folhetos que exploram “o ranço do romanesco medieval”.
- j. cômico satírico: folhetos em que a comicidade e a sátira estão presentes, até mesmo no ciclo heróico, nos desafios, nas pelejas.
- k. da súplica: é uma espécie de oração, mais dirigida a Deus, aos santos, etc.
- l. de lamúria: o abatimento físico ou moral por causa das vicissitudes da vida.

Esses dois autores e estudiosos foram importantes na elaboração desse trabalho uma vez que abordamos o cordel que relata informação. Foi através do estudo de cordéis classificados nesses ciclos que surgiu o mote para esse trabalho acadêmico.

Despertamos na caminhada deste trabalho para preocupações quanto à classificação de alguns cordéis que não se enquadravam em ciclos ou tipologias, pois suas temáticas já não eram mais abordadas.

Entendemos, que a proposta de uma classificação é representar e organizar conhecimento para um grupo ou uma sociedade. Compreendemos que o trabalho desses estudiosos e poetas tinha como foco organizar a produção da literatura de cordel e visualizar quais os temas eram abordados e uma possível forma de classificá-los, no que contribuíram muito, mas as temáticas presentes da literatura de cordel evoluíram, tornando-se necessário um novo olhar sobre essas classificações.

A problemática relativa à representação da informação e do conhecimento está sendo abordada por estudiosos de diversas áreas, como mostra a literatura recente. Ela extrapola o domínio da documentação, o que não significa que ela abandone suas próprias teorias relacionadas com a representação, pois elas são parte integrante deste novo movimento, que tem em comum a organização do conhecimento (CAMPOS, 1995).

Albuquerque (2011) difere de Suassuna e Medeiros pois, ao expandir as classificações, essa autora envereda por

um novo caminho apresentando 27 categorias para classificação bibliográfica da literatura de cordel que são: **Agricultura, Biografias e Personalidades, Bravura e Valentia, Cidade e Vida Urbana, Ciência, Contos, Crime, Cultura, Educação, Esporte, Erotismo, Feitiçaria, Fenômeno Sobrenatural, História, Homossexualismo, Humor, Intempéries, Justiça, Meio Ambiente, Moralidade, Morte, Peleja, Poder, Político e Social, Religião, Romance, Saúde e Doença.**

Essa autora aponta-nos como os ciclos são falhos por tratarem dos temas como se eles tivessem atrelados “ao seu tempo na história e no imaginário” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 74). Hoje, convivemos com um acervo grande da literatura de cordel que aborda vários temas, e representar esse conhecimento é uma tarefa árdua.

Albuquerque (2011) vem afirmar que a sua classificação não encerra as temáticas no cordel porque entende que, como toda poesia, a literatura de cordel está em movimento o tempo todo, é dinâmica, dialoga com seu tempo e com o tempo passado.

2.4 Fontes de Informação e a literatura de cordel

As fontes de informação sempre foram classificadas e divididas de forma erudita. No livro *Introdução as Fontes de Informação* (2008), há uma classificação erudita das ditas fontes: Enciclopédias, Dicionários, Biografias, Informação

geográfica, Jornais, Televisão, Bibliotecas, Arquivos, Museus e internet. Mas quando voltamos nossa atenção para a maneira como circulam as novas entre o povo, deparamo-nos com a literatura de cordel que por anos serviu de jornal e veículo disseminador de informação no Nordeste do país.

E também, por outro lado, a partir da comunicação informal que acontece por meio de cartas, telefonemas, correio eletrônico, encontros em eventos científicos (reuniões, simpósios, seminários e congressos), em que se formam redes de informações entre os pares, as quais propiciam o despertar para o novo conhecimento, a troca de informações que suscita a descoberta. A busca de informação e o acesso a ela levam o pesquisador à utilização de fontes de informação que circulam de maneira formal ou informal (WALTRICK, 2009, p.66).

Atualmente, a CI tem se dedicado a refletir sobre as fontes de informação informais, as que são produzidas fora dos meandros acadêmicos. Entendemos que o cordel informativo configura-se numa fonte de informação informal, que foge da formalidade do registro, como assinala Cunha (2001, p.8), mas que comunicam conhecimento.

Segundo (SILVA; SOUZA, 2006, p.215): “Informação enquanto fonte de conhecimento e de saber tem papel fundamental na construção e modificação de uma cultura”. Ao disseminar informação através da literatura de cordel, os poetas populares redigiram uma nova interface na poesia popular: a da comunicação, que, por sua vez, pode ser analisada como fonte noticiosa ou documento histórico. A fácil penetração da literatura popular na sociedade como forte

disseminadora e canal de informação deu-se pelo seu fácil acesso ao grande público composto sempre pelas camadas populares, de onde saíam a maior parte dos seus poetas. Segundo Campos (1998, p.30):

[...] pela sua modalidade de construção poética, a mais expressiva e genuína da comunicação popular; por ser um campo virgem e pleno de riqueza que brotou povo; pela forma das mensagens elaboradas onde se misturam as crenças, costumes e valores no mesmo universo de interesse dos emissores e receptores, conseguindo uma penetração notável no meio rural.

Ao estudar as clássicas obras denominadas como fontes de informação ou referência para pesquisa, deparamos-nos com a classificação para jornal, o que nos leva a fazer um paralelo com o cordel informativo. Os estudos de Teixeira (2008, p.67-68) foram nosso referencial teórico para elaboração do seguinte quadro:

Tabela 1: Fontes de Informação

Os jornais como fonte de informação noticiosa: desempenham um papel notadamente informativo, oferecendo ao leitor um leque selecionado de notícias e artigos bem apurados e <i>redigidos a partir dos principais acontecimentos de uma cidade, estado, país e partes do mundo...</i>(TEIXEIRA, 2008, p.67).	Cordel de circunstância é aquele no qual o poeta <i>relata algum acontecimento de repercussão local ou geral</i>, como catástrofes naturais, crimes, eventos esportivos, acidentes, morte de personalidades como políticos, artistas, etc. (JOSÉ HONÓRIO, 2010). Desde o começo, os folhetos de cordel apresentavam os fatos e as notícias do dia como se fossem o “jornal do povo”... (CURRAN, 2011, p.201).
---	--

Os jornais como vetor narrativo ideológico: o jornalista é um ser humano, com uma história e formação próprias, <i>que se posiciona diante de um fato ou, pelo menos, que escolhe palavras para sua descrição</i>. Esses dois fatores acabam refletindo na confecção da narrativa jornalística. (TEIXEIRA, 2008, p.67-68).	Em qualquer das hipóteses, vale ressaltar que os poetas populares são <i>líderes de opinião</i>, conscientes de sua posição especial na sociedade onde vivem, <i>da importância de suas opiniões, da procura da sua versão do acontecimento, da credibilidade de sua palavra</i> e por isso mesmo refletem a ideologia vigente no seu público, ao qual é fiel e identificado. (BENJAMIN, 1979, p.4).
Os jornais como documento histórico: todo relato periódico (diário, semanal, quinzenal, mensal, etc.) produzido por jornais, <i>identifica uma determinada época e lugar</i>. Por isso, eles <i>atuam como documento histórico</i> que reflete e reúne múltipla interpretação e tratamento de fatos ocorridos na história, também escritos e organizados a partir de um determinado local ou circunstância. (TEIXEIRA, 2008, p.68).	Assim chegamos a uma realidade e à conclusão de que os poemas de acontecidos de cordel existem como crônica poética popular, de fato, documentando uma história popular que engloba cem anos de realidade brasileira. (CURRAN, 2001, p.27). O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões, julgamentos. Para todos nós, é o primeiro leite intelectual. (CASCUDO, 1984, p.236).
Os jornais como fonte de informação para demandas específicas: diante do fenômeno de explosão informacional, são usados por comunidades, instituições e pessoas físicas ou jurídicas, como fonte de informação para suprir alguma demanda específica desses grupos, acerca de determinado assunto ou tema.	Assim são os cordéis por encomenda que servem para suprir uma demanda. Na sua maioria, acredita-se que, mesmo se tratando de “folheto de encomenda”, a literatura de cordel, no aspecto rural cumpriu seu verdadeiro papel informativo, pedagógico e de orientação... (CAMPOS, 1998, p.112). Veiculam-se, desse modo, orientações

(TEIXEIRA, 2008, p.68).	técnicas sobre culturas agrícolas e pecuárias. Estas incluem o preparo do solo, aquisição de sementes selecionadas, plantio, tratos culturais, colheita e comercialização da produção Outras informações veiculadas através dos folhetos analisados são: doutrina e prática cooperativistas, eletrificação rural, imposto territorial... (CAMPOS, 1998, p.79).
-------------------------	--

Fonte: A autora, 2011.

Buscamos a teoria de Teixeira (2008) presente no título *Introdução às fontes de informação* para entender os processos que determinam o jornal como fonte de informação e sua semelhança com o cordel informativo. Compreendemos que assim como os jornais, o cordel informativo relata acontecimentos com uma linguagem peculiar, sendo um vetor narrativo ideológico, pois o poeta expressa sua opinião, documenta a história. E, através dos cordéis de encomenda, o cordel informativo pode suprir a necessidade informacional de uma demanda específica, com uma linguagem mais acessível e dinâmica.

Nessa perspectiva, esse estudo tenta aprofundar os fatos que levam a descobrir o cordel não só como uma expressão poética, mas também como uma resistente fonte de informação e disseminação da mesma, que sobreviveu ao longo do tempo, registrando, informando e divertindo gerações. Refletindo, portanto, sobre o importante papel da

literatura popular na construção de uma história versificada através do povo.

Muitos estudos destacam a importância desse tipo de literatura, mas ainda há de se refletir que o folheto ultrapassou as barreiras de um simples meio de divulgação da poesia popular para um importante documento histórico nacional.

Ao analisar o cordel como fonte de informação, assentamo-no como um dos protagonistas das obras de referência que formam e contam a história nacional sob diversos olhares do campo do saber. Com uma contínua produção, os folhetos se tornaram o periódico popular. As primeiras tipografias eram idênticas às utilizadas nos jornais e seu processo de impressão bem similar. Segundo Ayala e Ayala(1987, p.14):

[...] a literatura popular impressa começa, no Nordeste, como processo de produção contínuo, em 1893, sendo os folhetos, de início, impressos justamente em tipografias de jornais.

Ao manter ativa essa história cultural, o cordel valida ainda mais sua força no que diz respeito à preservação da memória do povo e de sua narrativa. O cordelista sempre se utilizou da narrativa para formar e informar, e foi através da poesia popular que vários cordelistas conseguiram manter viva e atuante a memória do seu povo, e de sua oralidade. O cordel é traçado através da prática oral, dos contos passados de geração para geração. Hoje, há a abordagem de novos temas, mas ainda há muito das lembranças do povo, de seus usos e costumes,.Luyten (1988, p.41) diz que:

Entre os comunicadores populares que mais interesse suscitam nos meios de informação de massa estão os cantadores e poetas de cordel. Aliás, os cantadores, desde a Idade Média européia, foram os percussores dos jornalistas modernos – catando as novidades de um lugar para outro.

É evidente a importância do cordel como veículo de comunicação, através desta perspectiva, a literatura se inseriu no meio do povo como veículo informativo, o que contribuiu para formação de um novo jeito de se fazer e ler a memória do país. Além desse poder no âmbito informacional, o cordel incentivou, através da curiosidade, a alfabetização, e muitas pessoas da zona rural começaram a ler utilizando a poesia popular. Luyten (1988, p.45) informa que:

Isso se explica com certa facilidade: sobretudo, no interior, os folhetos de cordel eram, nas décadas passadas, o meio mais barato que se destinava à leitura e seu conteúdo chamava atenção, pois apresentava tanto histórias tradicionais como novidades políticas e sociais.

Ao entender esse processo entre literatura e informação, entendemos também a visão do povo sobre sua própria história, sobre seu modo de vida e interesses. Silva e Souza (2006, p.215) dizem que:

A informação enquanto fonte de conhecimento e de saber tem papel fundamental na construção e modificação de uma cultura. É através dela que se compreende o juízo de valor adotado por determinada cultura. Para focar estas questões, através dos elementos informativos constantes na literatura de

cordel, faz-se necessário compreender o papel da informação na construção do conhecimento.

Se o jornal da época não conseguia chegar com facilidade ao público popular, o cordel tornou-se um meio de se manter informado e produzir conhecimento. O cordel além da sua função poética, de entretenimento, configurou-se também como uma das bases de disseminação de informação, levando consigo a intencionalidade nos seus temas. O povo sempre mostrou bastante interesse por temas da atualidade, ao falar do seu cotidiano e noticiar fatos e eventos, o poeta chegava mais perto de satisfazer seu público. Curran (2001, p.29):

Os estudiosos já citados falaram do cordel como arquivo, documento e registro de muitos tipos diferentes de eventos. Falaram de desastres naturais, crimes, conflito político local e nacional, cangaço, fanatismo religioso, crises econômicas e embates ideológicos, muitas vezes com repercussões sociais, religiosas e políticas. O cordel tratava de tudo isso, desde que interesse ao poeta a seu público de leitores humildes. O que determina que certo evento deva ser recordado? Basicamente, o fato de ter repercussão na vida nacional brasileira e despertar o interesse do povo.

O cordelista utiliza-se de técnicas da comunicação, oferecendo ao seu público notícias do seu interesse. O público por sua vez deseja ler a notícia dos jornais numa outra perspectiva, e a poesia é a harmoniosa combinação entre o fazer poético e o disseminar informacional.

É partindo da concepção do estudo das fontes de informação na literatura de cordel que revelamos como o povo nordestino tem utilizado os cordéis para tratar de temas históricos e, através dele, discutido sobre seus antepassados e seu cotidiano. Abreu (2004, p.200) fala como seu público valoriza o cordel informativo e como o mesmo valoriza a poética, a forma do fazer poesia de cada autor. Ela diz que: “Os leitores e ouvintes de folhetos importam-se com os conteúdos divulgados pela mídia, assim como têm interesse por narrativas eruditas, entretanto nada parece perfeito enquanto não está ‘rimado e versado’”.

Silva e Souza (2006, p.217) ainda reafirmam a importância do cordel como fonte de informação e documento histórico, quando relatam que o mesmo deve ser visto como uma obra periódica de informação, que veicula fatos e notícias.

O cordel é uma literatura que retrata fatos históricos e situações atuais das quais a comunidade tem conhecimento, tratando as questões sociais com uma linguagem popular.

Ao tratar dessas questões o cordel se qualifica como uma fonte de informação e o poeta como um comunicador social.

3 MEMÓRIA E INFORMAÇÃO: um diálogo com a Ciência da Informação

A memória não é objeto de estudo de uma única área. É possível analisar a memória em diversos campos como: a psicologia, a biologia, a antropologia e a história. Nesse sentido, informação e memória se tocam quando os entendemos como transdisciplinares, passíveis de interpretações variadas por diversas disciplinas.

A memória biológica foi um dos recursos expressivos das sociedades orais. Como o homem não é capaz de guardar tudo que está a sua volta, esta memória oral precisava ser externalizada. A escrita nasce como uma tecnologia viável de externalizar a memória do homem, e com elas são inseridos vários suportes ou objetos para registrar essas informações, que mais tarde seriam chamados de suportes informacionais ou objetos informacionais, os quais constituem e representam a memória de um grupo.

Alguns estudos como o de Halbwachs (2006) trouxeram contribuições para o conceito de memória. Implantando nos debates a construção da memória coletiva, o autor revela que é necessário que a memória como processo individual concorde com as memórias dos outros, existindo uma base comum. Diferente de Halbwachs (2006)¹¹, Pollak

¹¹ Usamos a nova tradução de 2006 da tradutora Beatriz Sidow. Mas o texto original data de 1968.

(1989) insere um novo olhar sobre a memória coletiva relatando como ela pode ser validada apenas por alguns grupos. A memória coletiva pode ser a identidade que um grupo quer para si e, se houver um grupo dominante, ele pode construir uma memória coletiva apenas com o que lhe é interessante.

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para servidão dos homens (LE GOFF, 2003, p. 471).

Nessa perspectiva, refletimos sobre a memória social como fenômeno social (HALBWACHS, 2006), enquanto produto das relações sociais estabelecidas pelos homens (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009). Entendemos, assim, que os grupos tecem uma memória social de construção coletiva. Azevedo Netto (2007, p.3) ainda aponta que “a memória está representada em suportes informacionais distintos”, como um fenômeno derivado de seres humanos e com uma função social para todos os grupos. Assim como a memória social, pensamos a informação:

[...] como fenômeno humano e social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona, interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeitos que comunicam entre si (SILVA, 2006, p.24).

Os fundamentos da CI em cujos objetivos estão presentes: coleção, organização, disseminação, transferência e uso, procuram compreender a informação como um fenômeno humano e social, onde o indivíduo está inserido em todos os processos informacionais.

Na abordagem durkheimiana, a ênfase é dada à força quase institucional. Dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade. Assim também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de “comunidade afetiva”. Na tradição europeia do século XIX, em Halbwachs, inclusive, a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva (POLLAK, 1989, p.3).

Pollak (1989) ao analisar a teoria da memória coletiva de Halbwachs (2006), critica essa ordem coletiva e a imposição dos fatos construídos por grupos dominantes como uma forma simbólica de dominação. Isso nos faz refletir sobre essa construção social da memória do ponto de vista dos diferentes grupos sociais e sobre a memória enquanto identidade.

É possível para a CI dialogar com essa memória social, que tem origem nos relatos individuais e que se constrói coletivamente, ou seja, em vez de apenas um grupo

dominante impor essa memória coletiva, é mais válido coletar os relatos e lembranças dos diversos grupos e produzir socialmente essa memória.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 2003, p. 470).

Ao refletir com ponderação como se configura esse processo coletivo, visualizamos também uma perspectiva mais direcionada para determinados grupos dominantes. Ao analisarmos Halbwachs (2005), percebemos a ênfase do autor na idéia de que a memória coletiva deve ser um construto social que oferece o diálogo entre as lembranças do indivíduo e a do grupo. Mas, na prática, vemos que essa memória coletiva desenvolve aspectos dominantes, originados muitas vezes pela imposição do discurso de um grupo com status e poder na sociedade.

A memória social, enquanto produto das relações humanas, permite entender e dialogar com os diversos grupos. Nesse sentido, buscamos compreender a memória e a informação na CI como um construto coletivo, humano e social. A história tece suas escritas sobre a memória coletiva, identificando-a como uma teoria importante para construção dos relatos, mas enfatiza também que, na prática, ela pode ser um instrumento dominador (POLLAK, 1989).

Para a CI, importa estudar os registros informacionais presentes nessa memória. Saracevic (1996) entende que a CI como uma área de conhecimento dedica-se aos problemas de comunicação do conhecimento e seus registros como fator humano dentro de um contexto social, institucional ou individual. Dessa forma, é possível estabelecer uma relação com os registros de conhecimento e a memória, pois através do tratamento dos registros informacionais, a CI pode dialogar com a memória da sociedade.

Oliveira e Rodrigues (2009) consideram os registros informacionais como objetos fundamentais na construção da memória social. Elas ainda afirmam em seus estudos sobre *As concepções da memória em Ciência da Informação*, que as abordagens sobre memória em CI são periféricas na área, e que a Gestão do conhecimento¹² é que tem se dedicado a tratar o tema, numa diretriz da memória organizacional. Porém, a CI deve entender que os fenômenos informacionais ocorrem em diversos ambientes além dos organizacionais.

A relação entre memória e informação pode se dar além do espaço organizacional quando uma série de informações do passado de um grupo são coletadas e relacionadas a ponto de dar sentido às vivências passadas, e oferecem assim registros informacionais que podem

¹² O conceito, portanto, envolve desde atividades para a identificação de necessidades de informação, passando pela produção e/ou aquisição, a organização e tratamento, o registro e o armazenamento, a comunicação, a distribuição até chegar ao uso da informação. (FUJINO; PRAZERES; OLIVEIRA, 2007, p. [3]).

proporcionar a interpretação de memórias que giram em torno de um ciclo constante de construção e reinterpretação (AZEVEDO NETTO, 2007).

Os suportes informacionais de cada cultura, ou grupo, permitem a construção da sua memória, através de artefatos ou textos. Eles contribuem de forma significativa na formação e manutenção da identidade cultural de um grupo. Por isso, estudar os processos informacionais dos diferentes grupos sociais e culturais nos dá a oportunidade de dialogar com seus relatos e informação, reconhecendo que trabalhar com memória na CI vai além de comunicar informação e torná-la acessível. É necessário conhecer a produção, uso e transferência do conhecimento nesses grupos e como esta constitui um papel fundamental na construção de sua memória, identidade e cidadania.

Trabalhar com a memória social é trazer à discussão os documentos representativos para construção da memória de cada grupo. Dodebei (1997) reflete como a organização da memória documentária é importante para o entendimento e acesso à memória social. A materialidade, seja qual for o suporte, é a garantia da efetivação da transferência da informação (DODEBEI, 1997)

Embora tenhamos falado em representação como um estágio da seleção social dos objetos produzidos pelo homem, a formação de conjuntos de registros para espelhar a síntese de aspectos de determinada cultura ou culturas, em uma leitura mais concreta, é representada pela intencionalidade na localização de vestígios, artefatos, textos, objetos, monumentos, com o intuito de interpretar os fatos históricos e sociais. A reunião desses registros proporciona uma fonte

inesgotável de informação potencial, à espera de interlocutores, que agregarão a esses a sua tábua cultural, ou seja, sua experiência de vida, unida à sua capacidade de associação. O resultado desse processo se dá, prioritariamente, sob a forma de relatos, que, por assim dizer, se transformam em outros registros, numa cadeia inesgotável de fontes/interpretações (DODEBEI, 1997, p.111).

A CI, enquanto ciência, preocupa-se com a forma como esses relatos, artefatos, objetos, textos podem, a partir de uma organização e acesso dessas informações serem transformadas em outras fontes de informação. Esse processo é trabalho do historiador, que procura entender o passado através dessas fontes, ou do arqueólogo, que preocupa-se em reconstruir através de vestígios, fatos, ritos e costumes de determinadas culturas. A CI vai além, busca refletir sobre os problemas de origem informacional, em organizar essa informação e torná-la acessível, para que exista um fluxo da informação e a preservação da memória dos grupos.

Os conteúdos informacionais estão nos objetos representativos de cada grupo social e formam sua memória social, independente do suporte. Quando eles são produzidos e organizados podem gerar outras informações e trazer à tona a memória social dos mais diferentes grupos culturais. Buckland (1991, p.7) ao analisar essa questão dos diferentes suportes informacionais afirma que:

Otlet, um dos fundadores da documentação, demonstrava a necessidade em definir “documento” e “documentação” (isto é, informação armazenável e

recuperável) incluindo objetos naturais, artefatos, objetos que denotassem atividades humanas, tanto objetos como modelos construídos para representar idéias, trabalhos de arte, e textos.

A CI tem como foco o estudo desses documentos ou objetos representativos da memória e a organização deles para acesso e uso, proporcionando um processo informacional capaz de tornar a memória um fenômeno em movimento (informação verbal).¹³

O diálogo da CI com a memória parte dos registros deixados por diferentes culturas e que constituem os acervos memoriais de sociedades. Para que isso ocorra, é necessário que, além de interpretar ou reconstruir através de vestígios, como outras ciências, a CI organize todo esse conhecimento externalizado, e o torne acessível para geração e interpretação de novas fontes de informação.

Além desse importante papel na organização desses conteúdos informacionais, deixados através dos mais diferentes suportes pela sociedade, vale ressaltar que organizar e tornar acessível, é também fazer fluir essa memória, torná-la, através de seus objetos, uma força viva e presente, e não imortalizá-la como um bem tombado ou custodial. Para Galindo (2010, p.182), “desse debate resulta

¹³ Conversa informal com o Professor Doutor Lourival Holanda, em sala de aula, Recife, outubro de 2010.

uma linha clara que perfila as diversas tendências em Ciência da Informação, aquela que coloca como função primordial criar fluxos de informação em estoques de conhecimento”.

A CI é voltada para o ser social (LE COADIC, 2004).

Desse ponto, constata-se então que a CI preocupa-se em estudar a organização do conhecimento para a sociedade, estender a memória dos seres humanos, e mais do que isso, torná-las acessível nos mais diferentes espaços sociais.

A ciência da informação, preocupada em esclarecer um problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura informação, situa-se no campo das ciências sociais (das ciências do homem e da sociedade), que são o meio principal de acesso a uma compreensão do social e do cultural (LE COADIC, 2004, p.19).

Os grupos sociais e culturais geram seus objetos informacionais que transmitem sua memória, portanto, há uma intencionalidade na geração, produção e uso. Há um propósito da geração dessa informação, e uma interação entre o mundo dos sujeitos envolvidos, suas competências e vivências (BARRETO, 2002). A organização dessa informação oferece a esses grupos e à sociedade uma melhor compreensão dos fenômenos sociais e culturais.

O comprometimento da CI com a memória social fundamenta-se em organizar e tornar acessível o conhecimento produzido por diferentes grupos sociais, gerando uma memória ativa desses relatos. Dessa forma, ressaltamos também que, diferente da História, a CI preocupa-se com a informação seja ela do passado ou do

presente. Os documentos ou objetos informacionais nos interessam por seus conteúdos e não por seu valor temporal. Importa-nos tornar acessível as memórias dos grupos que já foram produzidas e as que estão sendo disseminadas no cotidiano, ou seja, fluir informação organizada num ambiente social, e dessa forma preservar e tornar acessível o conhecimento humano.

Preservação sempre foi um fator importante para as áreas da Ciência da Informação como a Biblioteconomia, Arquivística ou Documentação. As instituições de memória ou lugares de memória (NORA, 1993) ocuparam-se e ainda se ocupam em organizar e guardar a memória de um povo.

A perspectiva da memória como preservação sempre esteve patente nesses lugares de memória. Entendia-se que organizar para preservar bastava, e que a custódia dessas informações para um determinado grupo dominante era suficiente. A CI aborda a questão da memória entendendo que ela tem uma ligação direta com a informação, isto porque os registros produzidos pelos grupos e que formam essa memória são formados por fatos, que representam a memória material e imaterial de um povo, e que necessitam de um fluxo informacional.

Desses registros ou objetos informacionais deixados por determinado grupo, povo ou país, a preocupação da CI é a organização de memória para acesso e transferência. A preservação é um processo que se desencadeia naturalmente, pois a CI está preocupada em “estudar as propriedades da informação e os processos de sua construção, comunicação e uso” (LE COADIC, 2004, p.17).

Desta forma, a CI tem um papel social na gestão dos registros e artefatos informacionais que estão relacionados com a memória. Jeudy (1990) lembra que a memória eletrônica, um recurso tecnológico em áreas de gestão da informação, ajuda na representação da estocagem e diminui possíveis falhas na recuperação da informação preservada. Ele também questiona se os meios tecnológicos não possuem outra finalidade além da estocagem de informações. Para a CI, os meios tecnológicos, além de facilitar o armazenamento, são úteis também no que diz respeito ao acesso e fluxo, desde que a informação esteja organizada.

Jeudy (1990, p.17) afirma que os “os relatos, os documentos tornaram-se mais essenciais do que os lugares ou objetos”. Nessa linha de pensamento, a CI aborda informação e conhecimento independente de seu suporte. A gestão da memória de um grupo pode revelar diversas fontes de informações em seus mais variados suportes. O que importa para a CI é esclarecer um problema de informação (LE COADIC, 2004) e atuar nele, a fim de oferecer à sociedade uma informação dinâmica, passível de organização e acesso.

Há uma dimensão política e social na seleção dos registros e documentos que constituem a memória de um povo, entretanto, Jeudy (1990) aponta para o fato de que esses documentos não devem ser sacralizados. A CI observa que estes documentos devem ser preservados para o acesso , e não para corroborar com as ideologias nacionais que muitas vezes são impostas pelo Estado, eles devem sobretudo dialogar com a sociedade. Esse processo

informacional presente nos documentos e registros de memória de um povo, nação, ou grupo deve ser levado em conta pelo seu aspecto informacional para CI, e não apenas pelo seu aspecto institucional.

O documento não pode representar, ao mesmo tempo, tanto a memória instituída como a memória emergente. Por outro lado, não pode ser objeto de estudo de apenas um dos campos do saber que se ocupam da preservação da memória social, como pretende a Arquivologia. E não pode se restringir meramente à transferência da informação na esfera da ciência e tecnologia. (DODEBEI, 1997).

Acredita-se que essa posição da CI – mantenedora de uma ligação com a ciência e tecnologia – deve abranger outros aspectos da dinâmica cultural que envolvem informação, memória e cultura, ao entender que essa tríade está imersa nos mais diversos espaços. Dodebei (1997) levanta reflexões sobre a questão do documento, muito pertinentes à CI, apesar de entender que a memória se objetiva apenas/prioritariamente pelos documentos. O que importa à CI são justamente os conteúdos informacionais presentes ali e que perpassam aspectos da dinâmica cultural. Há, portanto, uma diferença vital em relação às áreas que levaram por muito tempo o suporte como prioridade.

A informação está presente na sociedade no dia-a-dia do ser social, que deixa no seu cotidiano registros informacionais sobre sua época, e que interage nos mais diversos suportes de armazenamento da informação. O processo informacional, com a organização, produção,

transferência e uso da informação, é permeado por registros, informações e objetos que compõem um importante acervo memorial dos grupos sociais.

Isso não quer dizer que a CI só se preocupa com a preservação da informação e memória social do passado. A CI não impõe temporalidade ao seu objeto de estudo, o processo informacional em tempo real é tão importante para a CI quanto o estudo desse em objetos, artefatos ou documentos do passado. A memória na CI é dinâmica. Assim como o processo cultural, ela está ligada a um processo, como é o caso da informação, na sua dinâmica de geração, organização, transferência e uso, refletindo na maneira em que a sociedade está gerando seus registros do tempo vivenciado e como está dando significado ao seu próprio tempo.

Assim, seguimos os contornos da Ciência da Informação, que utiliza, na análise de seus processos, todo o ciclo de vida de seu objeto de estudo, ou seja: a produção, a seleção, a organização e o uso (entendendo-se aqui a operação assimilação/descarte) (DODEBEI, 1997).

É através da CI que este estudo busca identificar a informação e memória em registros específicos – como a literatura de cordel, que é produzida por grupos culturais populares – e assim compreender como esses poetas geram informações.

3.1 Literatura de Cordel: memórias e informação

Parecia-me (e hoje me parece ainda mais) ser, para o estrangeiro ou não-participante da realidade cordeliana (a do poeta, editor ou do público), um retrato de um povo, de maneira de viver, de um país e de sua visão dos eventos da época (CURRAN, 2001, p.12).

A CI nasce de uma necessidade de refletir e pesquisar o fenômeno social denominado informação. Algo produzido pelo homem e que volta para ele com um movimento cíclico. Estudos sobre a informação no meio acadêmico ou nas instituições oficiais tratam da informação como fenômeno humano produzido nas mais diversas formas de representação, e buscam analisá-la compreendendo todo o seu ciclo de vida.

O cordel informativo é o que registra fatos, acontecimentos, que relata uma época e memória. São esses registros informacionais que são gerados pelo poeta quando produz esse tipo de literatura. Dessa forma, o poeta imprime um conteúdo informacional no seu tempo.

Curran (2001) em seu livro *História do Brasil em cordel* conta o quanto aprendeu sobre o Brasil, seu povo e cultura lendo a poesia de cordel. Através do cordel de circunstância, ele buscou identificar quais relatos eram semelhantes aos livros oficiais de História no Brasil, e descobriu que os relatos poéticos da poesia de cordel registravam mais detalhadamente a memória dos acontecimentos da época.

Esse tipo de cordel de circunstância, acontecido ou informativo busca através das informações veiculadas pela mídia da época, registrar conteúdos informacionais sobre os relatos que compunham a história local, do país e das suas relações com o exterior.

O cordel, mais uma vez, é caracterizado como um meio híbrido: popular em termos de produção, disseminação e consumo, enquanto conservadoramente folclórico no pensar de seus poetas *tradicionais* e do público. Além disso, seus poemas de acontecidos são realmente memória, documento e registro de cem anos de história brasileira, recordados e reportados pelo cordelista, que além de poeta é jornalista, conselheiro do povo e historiador popular, criando uma crônica de sua época. (CURRAN, 2001, p.19).

A forma como o cordel produz, dissemina e consome essas informações é importante para a CI, pois é através desse processo informacional que se torna possível registrar sua memória, gerando informações que, de início, usam o folheto como suporte e documento, e que, na contemporaneidade, é registrado nos mais diversos meios.

Os poetas da literatura de cordel inseriram seu olhar sobre os acontecimentos da época, geraram informações que serviram em muito a pesquisadores e leitores dos mais diversos países. Eles relataram uma história popular do país, plena de significações.

Conquanto houvesse um interesse comercial na produção dos cordéis, isto não enfraqueceu o valor dessas informações, nem a forma como sua memória foi sendo

produzida através dos recursos informacionais utilizados pelos poetas para gerir uma memória cultural através de sua arte.

Assim, a informação aqui considerada é aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos. É aquele fenômeno em que há não só a produção de um bem simbólico, mas também sua disseminação e consumo, que implica na sua própria reprodução, já que a dimensão espacial é extremamente dinâmica, dentro da sua recontextualização. Vendo aí uma questão de identidade, já que a informação implica em significação, ela poderia estar restrita a setores ou segmentos culturais, que podem ser mais ou menos permeáveis, produzindo, assim, novos significados sobre a informação disseminada. (AZEVEDO NETTO, 2007, p. 6).

A memória está associada à informação e à compreensão de vários conteúdos informacionais produzidos pelo homem nos mais diversos suportes para registrar seu cotidiano. Esses registros de memória estão atrelados às informações sobre determinado povo ou nação. É através da significação desses bens simbólicos que o conhecimento é gerado e transferido.

Os lugares de memória como bibliotecas, museus, arquivos, centros de documentação, entre outros, nascem de uma necessidade veemente de preservar e custodiar um patrimônio cultural. Na CI, a preservação é um dos focos quando trabalha com a memória. Mas o que a difere é justamente seu direcionamento para um fluxo dessa memória, desses conteúdos informacionais.

Nesse sentido, quando tratamos da memória preservada para patrimônio e custódia, compreendemos que esse tipo de memória institucionalizada gera uma percepção de uma memória coletiva, quando esses lugares da memória preservam apenas a memória oficial. Todo grupo cultural gera seus próprios registros e artefatos significativos que permitem florescer sua memória.

O caminho da CI pelos campos da memória busca tornar os conteúdos informacionais desses grupos num fluxo e dialogar com a sociedade, para que os grupos sociais possam interagir com seus relatos e registros informacionais.

Entre as referências que caracterizam-se pelo uso do conceito de memória numa perspectiva social, predomina a vinculação do conceito à informação registrada, bem como à sua organização e preservação. Esses trabalhos destacam a importância dos registros informacionais na preservação e transmissão da memória das organizações e na construção da identidade de grupos sociais em diversos níveis: local, regional e nacional. (OLIVEIRA, 2010, p. 80).

Oliveira (2010) analisa como o termo memória está em utilização na CI. Divide o conceito em três categorias: humana, artificial e social e aborda como os estudos têm sido direcionados em cada categoria dentro da CI. Após a análise de diversos trabalhos na área de CI, argumenta que os estudos relacionados com a memória humana são associados ao processo de aprendizagem, às tecnologias da informação

associado à leitura, à memória dos idosos e aos trabalhos de indexação e catalogação.

No que diz respeito à memória artificial, o termo aparece associado às tecnologias da informação e comunicação, à memória dos computadores, ao virtual, às bases de dados, aos sistemas de informação e aos repositórios. Quanto à memória social, os trabalhos destacam a questão dos registros informacionais, da transmissão e da preservação da memória dos grupos. Diz Oliveira (2010, p. 113):

Os resultados obtidos com o corpógrafo foram essenciais para a caracterização dos conceitos atratores nos corpora analisados, permitindo, ainda, classificá-los nas categorias aqui estabelecidas. Verificamos que seja qual for a abordagem adotada - memória humana, artificial ou social, a informação, enquanto objeto de estudo, é o atrator, por excelência, do conceito de memória no âmbito da Ciência da Informação no Brasil. Essa informação, na maioria das vezes consubstanciada no documento, aparece, também, associada a narrativas e relatos.

A preservação da memória na CI está comprometida em buscar um meio de tornar os conteúdos informacionais acessíveis, e evitar a fabricação de documentos-monumentos, tão expressos na história. O papel da CI não é impor valor de verdade ao documento que relata memória (LE GOFF, 2003), mas, sobretudo, tornar o conhecimento e informações produzidas pelos grupos sociais organizados, ao ponto de serem acessíveis, e dessa forma dialogar com a sociedade.

Nosso posicionamento quanto à memória social se orienta pela perspectiva de Dodebei (1997, p. 45): “especificamente, nosso interesse está voltado à memória social, representada pelo conjunto de ações temporais, da oralidade à escrita, da pré-história aos dias atuais”. A informação está sendo produzida no dia a dia pela sociedade, através dos seus meios de expressão – como a literatura popular. É importante que a CI busque compreender esses registros, tentando entender como esses grupos buscam, produzem e disseminam a informação e tecem suas memórias.

4 METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza exploratória, visa obter maior familiaridade com o tema. Braga (2007) aponta a pesquisa exploratória como um tipo de pesquisa que não costuma produzir resultados muito conclusivos, mas indica pesquisas futuras. O objetivo maior da pesquisa exploratória é reunir dados, informações, idéias ou hipóteses sobre um problema. As fontes de informação serão as variáveis de análise no processo da pesquisa.

4.1 Procedimentos metodológicos

Os Instrumentos para coleta de dados foram a Análise documental, as Entrevistas, e em sequência, a Análise de Conteúdo. Os procedimentos se deram da seguinte forma:

Técnicas de pesquisa:

- Entrevistas com poetas da literatura de cordel a fim de identificar as fontes de informação utilizadas para a criação da poesia que relata informações ou fatos de uma época;
- Análise de conteúdo, da produção dos poetas no que diz respeito à literatura de cordel.

4.2 Instrumentos de pesquisa

4.2.1 Coleta de dados e levantamento documental

As buscas nas bases de dados se deram da seguinte forma: houve uma seleção dos títulos produzidos por cada autor, e, a partir daí, foi elaborada a listagem desses títulos, para facilitar a análise de conteúdo.

A seleção dos poetas para a pesquisa obedeceu aos seguintes critérios:

- O acervo do poeta e sua produção devem ser destinados à poesia informativa,
- Os poetas com representatividade relevante, da primeira, segunda e a geração contemporânea.

Os poetas são separados por geração, segundo as informações do site **Cordel Literatura Popular em Verso** (Poetas e cantadores, 2010). As gerações são divididas da seguinte forma pela Fundação Casa de Rui Barbosa:

a) **POETAS PIONEIROS (1900 – 1920/30)**

Aos poetas da primeira geração, além da constituição do público e do estabelecimento das formas de produção e

distribuição da literatura de cordel, coube também o papel de definir as regras do gênero criando os estilos e temas que a distinguiriam da literatura tradicional oral da qual, por sua vez, a poesia popular impressa teria tomado de empréstimo vários elementos, entre os quais a sua própria forma de transmissão cuja base oral se traduz, principalmente, na estrutura metrificada e rimada que lhe é característica. Foi essa condição de oralidade, de uma literatura feita para ser memorizada, cantada e fruída coletivamente em lugar de-ser lida individualmente, que permitiu ao cordel alcançar um público cada vez mais amplo, formado, em sua maioria, por analfabetos e semianalfabetos.

b) POETAS DA SEGUNDA GERAÇÃO (1920/30 em diante)

A geração que começa a ingressar no mundo da produção do cordel a partir da década de 1930 é formada por poetas que cresceram ouvindo as histórias narradas nos folhetos e decidiram reescrevê-las, inserindo-as em seus próprios contextos. Nesse processo, que pode ser considerado de transição, antigos personagens reaparecem em novas histórias, ao mesmo tempo em que inúmeros novos personagens passam a integrar a galeria de tipos da literatura de cordel. Entre esses novos personagens o de maior destaque é Getúlio Vargas que, pelo vasto número de folhetos escritos em torno de sua figura, passou a constituir, no plano da classificação da literatura de cordel, um dos seus ciclos temáticos.

Sentiu-se necessidade da inclusão de um poeta contemporâneo autor de cordel que dialogue com as ferramentas do seu tempo no que diz respeito à produção e fluxo do cordel, ou seja, que use as tecnologias de comunicação para a disseminação da sua arte.

Os dados foram coletados no acervo online da Fundação Casa de Rui Barbosa, **Literatura Popular em Verso e no Site Recanto das Letras**. Foram analisados os seguintes autores:

Primeira Geração

Leandro Gomes de Barros

Segunda Geração

José Soares

Poetas contemporâneos

Ismael Gaião

Os critérios para escolha dos autores foram os seguintes: a representatividade de Leandro Gomes de Barros como um dos pioneiros do cordel no Brasil; a dedicação de José Soares ao cordel de circunstância e sua auto titulação como poeta-repórter; e o diálogo do poeta contemporâneo com a literatura de cordel informativa ou que registre a memória social e as novas formas de disseminação da poesia com o uso das novas tecnologias, como é o caso de Ismael Gaião.

4.2.2 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo consiste na técnica de pesquisa para descrição ordenada e quantitativa do conteúdo. Cunha (1982, p.[11]) observa que:

Esse método é bastante diferente dos outros tipos de pesquisa porque, em lugar de entrevistar ou observar pessoas, o pesquisador trata com registros já existentes e faz inferências a partir deles. Esses registros podem ser cartas, conversações pessoais, entrevistas não estruturadas, livros, programas de televisão, documentos pessoais, poemas, jornais, artigos, etc.

Cunha (1982, p. [11]) relata alguns fatores que tornam a análise de conteúdo um método utilizado na CI: “Sem análise de conteúdo não existiria a seleção, a análise de assuntos, haveria pouca recuperação e transferência da informação, poucos serviços de auxílio aos usuários”. O autor enfatiza ainda algumas vantagens do método, que são:

- a) sua utilidade para medir a legibilidade de um texto ou comunicação;
- b) a possibilidade de ser utilizada para analisar questões relacionadas com as atitudes, interesses e valores culturais de um determinado grupo;
- c) melhor adequação para se estudar fenômenos sociais em diversas áreas do conhecimento, apesar de

historicamente ter sido mais utilizada na área de comunicação;

d) sua grande vantagem é a segurança do método. Caso seja necessário repetir toda a pesquisa ela pode ser feita facilmente porque o pesquisador pode ter acesso aos dados sem nenhuma dificuldade. Isto, normalmente, não pode, por exemplo, ser feito numa pesquisa baseada por um levantamento.

Com a análise de conteúdo, procedemos da seguinte forma:

-Após o levantamento dos títulos de cada autor, nas Bases de Dados da Fundação Casa de Rui Barbosa e do site Recanto das Letras, foram analisados os conteúdos informacionais de cada cordel;

-A análise foi a base para classificação das temáticas, de maneira que procedemos à leitura da produção dos poetas escolhidos a fim de recolher informações que nos oferecessem base para posterior classificação da literatura de cordel e seus temas.

A análise de conteúdo foi realizada adotando o método de leitura integral dos cordéis para, junto à análise da indexação da Fundação Casa de Rui Barbosa, verificar qual a temática central do cordel. Posteriormente, classificamo-os de acordo com as classes temáticas de Albuquerque (2011) e tornamos visível o acervo do poeta e suas temáticas relacionadas à literatura de cordel, com foco nas poesias que apresentaram informação ou memória de uma época.

A análise de conteúdo nos permitiu, através da verificação dos registros informacionais e das inferências realizadas, compreender como se dá alguns fenômenos sociais ligados a CI, como a informação, o fluxo e sua transferência.

Cunha (1982, p. [11]) afirma que o método não é simples, e mostra-se trabalhoso, mas que contribui para responder algumas questões pertinentes como: “o que se diz, para quem se diz, com que efeito”. Nos estudos de produção e fluxo de informação, esses argumentos se mostram pertinentes e oferecem possibilidades de esclarecer como se dão os processos informacionais nos grupos sociais.

a) Classificação das temáticas

Iniciamos nossos estudos a partir da classificação do poeta estudioso da cultura popular Ariano Suassuna, retirando de sua classificação o termo cordel de circunstância, mas observando que a classificação não cobria todos os temas abordados nos cordéis, e recorrendo assim a outros estudiosos. Dessa forma, entendemos que era necessária uma nova opção, diferente das classificações utilizadas anteriormente, e que nos auxiliaram num primeiro momento desse estudo, enquanto o mesmo ainda era apenas um projeto.

Deste modo, no decorrer das pesquisas, sentimos a necessidade de ampliar a classificação. Procurando outras opções, encontramos Irani Medeiros (2004) citado por Oliveira

e Albuquerque [200-?], por ser uma classificação que amplia mais a divisão do Cordel histórico e Circunstancial em subdivisões. Mas com o passar do tempo, outras inovações surgiram em relação à classificação do cordel. E então recorremos à tese de doutoramento da Prof^a. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque (2011) intitulada **Literatura Popular de Cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica**, na qual a autora propõe 27 classes temáticas para compor a Literatura Popular nas classificações bibliográficas. A partir desse estudo, compreendemos que a classificação da literatura de cordel por ciclos é equivocada, pois sugere que alguns temas sejam temporais, no entanto, para Albuquerque (2011) os temas são recorrentes. O Ciclo histórico e circunstancial é um exemplo do que Albuquerque (2011) coloca, o que demonstra a necessidade de usarmos uma classificação mais abrangente, já que muitas temáticas encontradas nos acervos dos poetas não eram apontadas por Ariano Suassuna ou Irani Medeiros.

Cordel de circunstância, classificação de Ariano Suassuna:

- 1) Ciclo heróico, trágico e épico;
- 2) Ciclo do fantástico e do maravilhoso;
- 3) Ciclo religioso e de moralidades;
- 4) Ciclo cômico, satírico e picaresco;
- 5) Ciclo histórico e circunstancial;
- 6) Ciclo de amor e de fidelidade;
- 7) Ciclo erótico e obsceno;
- 8) Ciclo político e social;
- 9) Ciclo de pejejas e desafios.

Classificação de Irani Medeiros (2004) utilizada por Oliveira e Albuquerque [200-?]:

CICLO HISTÓRICO E CIRCUNSTANCIAL – Neste ciclo, os poetas populares tomam conhecimento do cotidiano local, regional, nacional e até mesmo universal e, algumas horas depois de o fato haver acontecido o folheto já se encontra à venda nos mercados, nas feiras livres e nas bancas de jornal.

Subdivisões:

- 1 Morte
- 2 Fome
- 3 Seca
- 4 Enchente
- 5 Político
- 6 Tragédia
- 7 Miséria
- 8 Corrupção
- 9 Roubo
- 10 Política

Classificação proposta por Albuquerque (2011, p.253-256) para as classificações bibliográficas dos folhetos:

1. **Agricultura:** Tratam de técnicas utilizadas para cultivar plantas, bem como de política agrícola, práticas de higiene, segurança e qualidade alimentar, de métodos usados na agricultura, de culturas agrícolas e problemas ambientais.

2. **Biografias e Personalidades:** Tratam de figuras atuais ou atualizadas, tipos étnicos e tipos regionais, etc.: pessoas que se destacaram, no bem ou no mal, e que, popularizando-se na memória coletiva, tornaram-se tipos humanos, tipos étnicos ou tipos regionais, que aparecem na paisagem social.

3. **Bravura e Valentia:** Contam as bravuras dos cangaceiros e dos “amarelinhos que ninguém dá nada por eles”, mas que são capazes de lutar e vencer homens fortes. Valentia, coronelismo, banditismo e jagunçagem, Lampião, Antônio Silvino, Corisco.

4. **Cidade e Vida Urbana:** Tratam da fixação de aspectos da vida urbana, descrição das cidades e dos Estados.

5. **Ciência:** Tratam do saber, do conhecimento de certas coisas que servem à condução da vida ou à dos negócios; dos conhecimentos adquiridos pelo estudo ou pela prática; da hierarquização, organização e síntese dos conhecimentos através de princípios gerais (teorias, leis, etc.).

6. **Contos:** Folhetos que falam de onde vêm os contos populares, como os contos de “fadas”, “Histórias de Trancoso”, “lendas”, “mitos” e “fábulas”.

7. **Crime:** Folhetos que tratam da violação a uma norma moral, da lei penal incriminadora. Ação ou omissão que se proíbe e se procura evitar ameaçando-a com pena, porque constitui ofensa (dano ou perigo) a um bem jurídico individual ou coletivo.

8. **Cultura:** Tratam de atividades e modos de agir, costumes, tradições e instruções de um povo.

9. **Educação:** Falam da educação como processo contínuo que orienta e conduz o indivíduo a novas descobertas, a fim de tomar suas próprias decisões, dentro de suas capacidades.

10. **Esporte:** Tratam das formas de atividades físicas, formais ou informais, que visam à melhoria das capacidades físicas e mentais, fomentam as relações sociais, ou visam obter resultados na competição a todos os níveis.

11. **Erotismo:** Nesses folhetos, não há intenção de ofender a moralidade pública. O poeta situa-se na objetividade ingênua própria da literatura de cordel. São folhetos que têm o órgão sexual masculino como principal temática, representado, simbolicamente, por muitos de seus apelativos usados no Nordeste, como banana, macaxeira, fumo, quiabo, linguiça, dentre outros.

12. **Feitiçaria:** Tratam das atividades de feiticeiros, de ações de bruxaria, sortilégio, malefício.

13. **Fenômeno Sobrenatural:** Tratam de fenômenos que não tenham uma causa natural, coisas malignas, mundo espiritual, fenômenos paranormais, espiritualidade.

14. **História:** Folhetos que tratam de fatos históricos.

15. **Homossexualismo:** Tratam de experiências sexuais, afetivas e românticas, principalmente, entre pessoas do mesmo sexo.

16. **Humor:** São cordéis com conteúdos cômicos, piadas.

17. **Intempéries:** Folhetos que falam de fenômenos da natureza relacionados à secas, inundações, terremotos e outros, os quais podem ser vistos como castigo divino aos pecados dos homens.

18. **Justiça:** Tratam a justiça como princípio moral, prática de atos e/ou decisões que corrijam uma situação ou punam uma falta, de forma a beneficiar aqueles que fizeram por merecer ser beneficiados ou a punir aqueles que ofenderem física e/ou moralmente outra(s) pessoa(s).

19. **Meio Ambiente:** Conjunto de unidades ecológicas que funcionam como um sistema natural sem a intervenção do homem, incluindo vegetação, animais, microorganismos, solo, rochas, atmosfera e fenômenos naturais. Poluição. Ecologia.

20. **Moralidade:** Tratam de normas, princípios e valores, segundo os quais são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico

e social, sejam acatadas livre e, conscientemente, por uma convicção íntima e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal.

21. **Morte:** Tratam do término da vida de um organismo, como também ao estado desse organismo depois do evento. As alegorias comuns da morte são o Anjo da Morte, a cor negra, ou o famoso túnel com luminosidade ao fundo.

22. **Peleja:** São folhetos de “criação”, escritos, às vezes, em homenagem a um amigo poeta. Contam-nos os seus autores que imaginam de início, um encontro em casa de um fazendeiro (o desafio entre dois “bambas”), encomendando de pronto o clássico “clichê” de madeira representando as figuras de dois cantadores sentados, dedilhando a viola em desafio, gravura comumente encontrada nas capas das publicações do gênero.

23. **Poder:** Desvio e abuso de poder político, do poder executivo, do estado e do governo.

24. **Político e Social:** Tratam “do que se vê em políticas” e refletem o desencanto do povo com falsas promessas de alguns dos seus representantes. Participação social enquanto possibilidade para o exercício da cidadania.

25. **Religião:** Tratam da difusão de idéias religiosas baseadas na tradição cristã, com histórias de Jesus ou da vida dos Santos da Igreja Católica.

26. **Romance:** Falam de amor, de sofrimento, de príncipes, fadas e reinos encantados.

27. Saúde e Doença: Tratam do estado de completo bem-estar físico, mental e social. Distúrbios das funções de um órgão, da psique ou do organismo humano.

Com base nessas classificações, identificamos que a proposta de Albuquerque (2011) consegue abraçar todas as temáticas encontradas nos acervos dos poetas pesquisados. Por se tratar de uma classificação que resulta do estudo de outras classificações populares e acadêmicas já existentes, a autora consegue traçar um novo olhar sobre a classificação para Literatura Popular, oferecendo temáticas mais atuais e abrangentes no que diz respeito aos assuntos tratados nas poesias de cordel.

O sistema de classificação desenvolvido por Albuquerque (2011) para a Literatura popular serve para visualizar a organização da informação através das 27 classes temáticas. Buscamos, dessa forma, identificar no acervo de cada poeta as temáticas já apresentadas.

4.2.3 Entrevistas

As entrevistas foram semi-estruturadas com questões que foram aprofundadas e com abertura para o posicionamento dos entrevistados quando achassem pertinente, ou quisessem aprofundar algum tema, ou ainda trazer outros assuntos para a entrevista. De acordo com Bingham e Moore (apud CUNHA, 1982, p. [5]) a entrevista

pode ser definida como "uma conversação séria, cujas finalidades são: recolher dados, informar e motivar".

As entrevistas têm como finalidade recolher dados que apresentam a forma como se dá o processo de comportamento informacional dos poetas, assim como observar se eles usam as fontes de informação e quais são escolhidas por cada autor para produção da literatura de cordel. As entrevistas foram realizadas com os poetas ou algum representante da família (para poetas *in memoriam*) que tenha domínio sobre sua produção e herança cultural, e que estivesse capacitado para oferecer informações sobre o poeta. Foram dois os entrevistados, o filho do poeta José Soares, o poeta e xilógrafo Marcelo Soares, e o poeta contemporâneo Ismael Gaião.

As entrevistas foram realizadas com perguntas abertas, que depois seguiram os seguintes critérios para análise:

- Transcrição para todas as entrevistas;

- Após transcrição, exame das fontes de informação utilizadas por cada poeta, inserindo uma abordagem quantitativa e qualitativa dessas fontes;

Foi possível, dessa forma, visualizar o comportamento informacional dos poetas no que diz respeito à busca de informação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Análises do acervo Leandro Gomes de Barros da Fundação Casa de Rui Barbosa

O acervo coletado para esse estudo faz parte do Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, presente no site Cordel Literatura Popular em Verso. Foram analisados 108 cordéis de Leandro Gomes de Barros que fazem parte da Coleção Folhetos Raros de Leandro Gomes de Barros (Coleção SNB - Poemas Completos). Através da Classificação Bibliográfica para Literatura de Cordel de Albuquerque (2011), foi possível identificar as classes temáticas presentes no acervo pesquisado de Leandro Gomes de Barros.

Leandro Gomes de Barros foi um importante poeta da primeira geração do cordel, e está classificado como poeta pioneiro pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Nascido em 1865, natural da Paraíba, o poeta viveu durante muito tempo em Recife onde vendeu muitas de suas obras. O poeta faleceu em 1918, deixando um rico acervo da Literatura de Cordel e a memória dos primeiros passos do cordel no Brasil, já que o autor é um dos pioneiros da literatura popular no Brasil.

Foi possível identificar no Acervo de Leandro Gomes de Barros (APÊNDICE A) diferentes temáticas como: Biografias e personalidades, Bravura e Valentia, Cidade e Vida Urbana, Contos, Esporte, Humor, Intempéries, Justiça,

Moralidade, Morte, Pelejas, Poder, Político Social, Religião, Romance e Sobrenatural.

Percebemos que o poeta versava nas mais diversas temáticas e, registrou a memória do seu tempo, além de discutir e informar sobre temas tão abordados na época como a: Guerra, Impostos, Política e Poder, e os Desastres Naturais.

Curran (2001, p.43) nos mostra a importância da poesia de Leandro Gomes de Barros para o que intitula “Cordel Antigo”:

Impregnado da tradição oral do duelo poético (a peleja) e também da literatura de cordel portuguesa, principalmente dos poemas longos chamados romances ou histórias, esse escritor colocou em versos, na forma da sextilha e septilha, “clássicos” da prosa de Portugal, e providenciou sua impressão e os vendeu na área de Recife, no Estado de Pernambuco.

A contribuição do poeta Leandro Gomes de Barros para o fortalecimento da literatura popular no Brasil foi importante no primeiro momento, na transição entre a literatura de cordel de Portugal e o que seria o cordel no Brasil, ou seja, quais os rumos que tomaria essa poesia popular no Brasil. A influência da literatura portuguesa e da tradição oral está presente no acervo que analisamos através dos romances, contos e pelejas. Mas, é importante ressaltar que o poeta Leandro Gomes de Barros imprimiu um novo olhar na literatura de cordel brasileira ao inserir “seu estilo

jocosos exibidos em versos de comentário social e de época” (CURRAN, 2001, p.43).

Leandro Gomes de Barros escreveu sobre o que interessava a sociedade e como as novidades e transformações da sua época afetavam ao povo (CURRAN, 2001). Através das coletas realizadas no Acervo de Leandro Gomes de Barros no site da Fundação Casa de Rui Barbosa, pudemos identificar, com a classificação das temáticas propostas por Albuquerque (2011) a diversidade de temas aos quais se dedicou Leandro Gomes de Barros e seus relatos memoriais versados de uma época.

Percebemos, através da bibliografia e do acervo do poeta, que havia no escritor um comportamento informacional, no que diz respeito à busca e uso da informação. Ele relatava fatos de sua época que estavam sendo abordados no cotidiano do povo, e oferecia uma linguagem mais simples do que a que estava presente nos jornais de então. Era uma informação versejada, poética, “o jornal do povo” (CURRAN, 2001).

Não foi possível realizar entrevista com familiares do poeta. Através de pesquisas, descobrimos que muitos residem no Rio de Janeiro, mas não conseguimos localizar endereço. Por isso, buscamos por meio da bibliografia analisar como se dava a produção do poeta e sua busca pela informação.

Através da obra História do Brasil em Cordel do autor Mark Curran (2001), um dos maiores pesquisadores sobre a literatura de cordel do mundo, encontramos algumas informações relevantes sobre o interesse do poeta Leandro

Gomes por fatos do cotidiano, por notícias, e por imprimir através de seus versos um olhar seu como escritor sobre aquela informação, que seria poética, e versada.

5.1.1 Discussão dos resultados

Coletamos 108 cordéis do acervo da Coleção Folhetos Raros de Leandro Gomes de Barros (Coleção SNB - Poemas Completos). Durante a coleta, observamos, no momento da análise de conteúdo, que muitos cordéis possuem mais de um título. Optamos, então, por contar cada título à parte, pois entendemos que o cordel como suporte pode apresentar diversos títulos.

Para um segundo momento e após a coleta, utilizamos a classificação proposta por Albuquerque (2011), da qual extraímos os seguintes resultados:

BIOGRAFIAS E PERSONALIDADES (1 título)

BRAVURA E VALENTIA (8 títulos)

CIDADE E VIDA URBANA (4 títulos)

CONTOS (13 títulos)

ESPORTE (1 título)

HUMOR (23 títulos)

INTEMPÉRIES (2 títulos)

JUSTIÇA (2 títulos)

MORALIDADE (1 título)

MORTE (3 títulos)

PELEJAS (13 títulos)

PODER (9 títulos)

POLÍTICO E SOCIAL (10 títulos)

RELIGIÃO (2 títulos)

ROMANCE (10 títulos)

SOBRENATURAL (6 títulos)

Verificamos que, apesar das classes temáticas como Humor, Pelejas e Romance apresentarem uma boa parcela do acervo do autor, estes não eram o único interesse do poeta. O tom jocoso ao discutir fatos sociais e políticos ressaltado por Curran (2001) está presente nas seguintes temáticas: Poder, Político Social, Justiça, Intempéries e Moralidade. Curran (2011) aponta o interesse de Leandro Gomes de Barros por reportagens, por noticiar na poesia informações.

Alguns poetas, mais do que outros, tornaram-se, na verdade, “poetas-repórteres”, e ganhavam a vida fazendo um jornalismo rudimentar, pois procuravam fatos que ‘despertassem o interesse do povo’ e escreviam folhetos sobre eles para vender na feira. José Soares, no Recife, e Cuíca de Santo Amaro, em Salvador, são dois dos casos entre muitos; podemos dizer que também Leandro Gomes de Barros já fazia reportagens semelhantes às de seu colega Francisco das Chagas Batista. (CURRAN, 2011, p. 201, grifo do autor).

Leandro Gomes registrou em suas poesias importantes fatos de sua época como: As aflições da guerra da Europa (1915), A mulher e o imposto [19--], O Tempo de hoje (1918), entre outros. Nesses títulos, o autor dialoga com acontecimentos de seu tempo, relata a memória de um país, registra a informação da prática social.

Através de suas poesias, Leandro Gomes de Barros nos deixa uma memória sobre uma visão de mundo de uma época que não está presente nos livros didáticos que reportam a História oficial do país. Além de um bom observador, o poeta através do humor injeta fortes críticas e ironiza a política da época.

Na poesia intitulada A Secca do Ceará (1920), o poeta, além de nos oferecer um registro de memória, nos informa sobre atos políticos da época, ressignificando uma informação que ele obteve, possivelmente nos meios de comunicação impressos.

Alguém no Rio de Janeiro
Deu dinheiro e remetteu
Porém não sei o que houve
Que cá não apareceu
O dinheiro é tão sabido
Que quiz ficar escondido
Nos cofres dos potentados
Ignora-se esse meio

Eu penso que elle achou feio
Os bolços do flagellados¹⁴

Como um dos poetas pioneiros do cordel no Brasil, a obra de Leandro Gomes sempre esteve muito atrelada ao Romance, uma vez que os cordéis portugueses que o influenciavam tratavam dessa temática, assim como Bravura e Valentia, e também da tradição oral, através das pelejas (CURRAN, 2001). Mas, através dos estudos realizados no acervo desse autor, presente na Fundação Casa de Rui Barbosa, e com base na classificação de Albuquerque (2011), foi possível classificar e visualizar a produção desse poeta. Dessa forma, observamos que a poesia informativa estava presente também na produção dos poetas pioneiros, seja através do tom jocoso apontado por Curran (2001) ou por comentários e críticas, poetas como Leandro Gomes de Barros utilizaram a informação do seu dia a dia ressignificada e transformada numa poesia popular informativa.

A informação da prática social obtida pelos poetas, possivelmente pelos meios de comunicação impressa, ganhava um novo olhar quando transformada em literatura de cordel. Assim, o poeta era agente social do seu tempo, e, através de sua poesia, era possível comentar, criticar, e tornar visível outras vozes marginalizadas.

¹⁴ Optamos por utilizar a mesma grafia do poeta, obedecendo ao original.

A produção desse autor foi além do Humor, Romance, Bravura e Valentia. Aliadas a essas classes temáticas foram inseridas informação e memória de uma época. O cordel do poeta Leandro Gomes fez sorrir, mas ao mesmo tempo registrou um tempo, fatos, e o olhar das camadas populares sobre as mudanças do país e o descaso das autoridades. O cordel é, hoje, uma importante fonte de informação e memória social, uma voz ativa dos relatos de comunidades marginalizadas e esquecidas.

5.2 Análises do acervo José Soares da Fundação Casa de Rui Barbosa

No acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, foi possível analisar 107 folhetos digitalizados do poeta José Soares. O acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa apresenta alguns critérios de organização que nos motivaram a agir da seguinte forma:

Há vários títulos de mesmo conteúdo, diferentes apenas nas xilogravuras ou na forma de escrita. A Fundação apresenta cada exemplar como um título. Diante dessa problemática, resolvemos extrair os títulos que aparecem mais de uma vez quando estes apresentarem o mesmo texto, mesmo com xilogravuras diferentes, uma vez que o que nos

interessa é a análise de conteúdo para classificação da temática.

Foram coletados 107 exemplares do acervo de José Soares, dentre os quais 50 títulos apresentam informação ou memória da época de produção do poeta.

O acervo registrado na Fundação Casa de Rui Barbosa pertencente ao poeta José Soares demonstrou que 47,72% dos folhetos relatam notícias da época¹⁵.

A temática **Esporte** é de interesse do poeta. José Soares tinha tanto interesse pelo tema que chegou a ter uma gráfica perto do estádio do Arruda¹⁶, a fim de publicar as notícias do jogo antes dos jornais locais. Assim que o jogo terminava, o poeta vendia seus cordéis já à porta do estádio.

¹⁵ Utilizamos uma fórmula matemática, a regra de três, para contabilizar através de porcentagem o acervo.

¹⁶ Em 1969, torna-se editor de folhetos, estabelecendo a Gráfica Tricolor, em Casa Amarela. Constituiu uma ampla rede de distribuidores por todo o Nordeste. Aliás, a distribuição de folhetos por revendedores e cegos cantadores em praças constituiu uma fonte de economia. Mesmo com pequenos ganhos, o poeta manteve a si e a outros, como folheteiros, cegos e revendedores em outros municípios e mesmo outros estados. Esta posição nos evidencia o caráter de solidariedade do poeta de cordel. Era comum vê-lo à porta de estádios de futebol com o folheto do jogo que acabara de se realizar com o folheto sobre o assunto já à venda. Sua veia jornalística propiciava-lhe aprontar o folheto com antecedência, deixando apenas o título e o resultado para serem preenchidos (CAMPÊLO, [200?]).

5.2.1 Discussão dos resultados

Após a classificação das temáticas, utilizando a proposta de Albuquerque (2011)¹⁷, é possível visualizar que a produção do poeta José Soares apresenta as seguintes classes temáticas: Biografias ou Personalidades, Morte, Saúde e Doença, Moralidade, Meio Ambiente, Intempéries, Poder, Política Social, Esporte, História, Cultura, Religião, Humor, Pelejas, Contos, Justiça, Fenômeno Sobrenatural, Cidade e Vida Urbana. Das 27 classes temáticas propostas por Albuquerque (2011), foi possível identificar 18 delas no acervo pesquisado do poeta José Soares.

O acervo digitalizado presente no site se mostra bastante diversificado em relação às temáticas. Apresenta uma produção significativa do poeta no que diz respeito a folhetos informativos, uma vez que ele mostra grande interesse por fatos do cotidiano.

Sendo assim, os resultados da temática **Esporte** são responsáveis por 30% do acervo do cordel de circunstância do poeta José Soares.

O poeta demonstrava grande interesse por futebol e, através de sua obra, registra importantes momentos da história dos times de futebol em Pernambuco. Ele era torcedor do time Santa Cruz, e isso parece interferir na sua produção,

¹⁷ Ver apêndice A.

uma vez que há um maior registro de vitórias do time, em relação aos demais times de futebol de Pernambuco.

Dentro ainda das classes temáticas do Cordel, destaca-se a temática **Política** que representa 20% do acervo digitalizado do poeta na Fundação Casa de Rui Barbosa. O poeta registra momentos importantes da memória do país através de cordéis como **Anistia ampla e a volta de Arraes** e **A vitória da Arena**.

É possível visualizar que o poeta mantinha um importante diálogo com as notícias do Estado de Pernambuco. Através de sua poesia, informou e registrou momentos lamentáveis do Estado de PE nos seguintes cordéis: **Tragédia de Garanhuns**, **A tragédia de Jaboatão 13 mortos e 35 feridos**.

O folheto informativo do poeta José Soares registra e documenta a memória no viés da literatura popular. No cordel **A cheia do Capibaribe**, o poeta relata uma das maiores calamidades acontecidas no Estado de PE.

Dia primeiro de maio
dia do trabalhador
a população Ribeirinha
sofria golpe de dor
acordavam apavorados
com esse quadro de horror

A famosa CODECIP
tristonhamente informava
que vinha uma grande cheia
era o que se comentava
e as sete da matina
a grande cheia chegava
O nosso Governador
a maior autoridade
pedia a população
com calma e tranqüilidade
que Deus desse a cada um
espírito de humanidade

Nosso povo do Recife
assistia mais um drama
em ver sua residência
se tornar num mar de lama
sem poder levantar
sequer de cima da cama.

Alguns versos nos mostram que o poeta utilizava dados importantes para relatar o fato, como: data, horário, nomes de instituições, região. Os versos, além de informarem e relatarem a memória, preocupam-se com a métrica e rima. Apesar de não ser objeto desse estudo, é interessante ressaltar esse fator, pois é importante analisar essa

informação da prática social e suas características. O poeta produz informação e, a partir de uma expressão artística, consegue conciliar poesia e informação no cordel, e transformá-lo numa fonte de informação.

A ponte de Dois Irmãos
foi a primeira a cair
a ponte da Madalena
começou logo a ruir
os tranzeuntes pararam
sem ter por onde seguir

Todo corpo de Bombeiro
a Sudene e o Detran
a Indústria e a Prefeitura
trabalhavam com afam
de onze horas da noite
até sete da manhã.

Nesses versos, há um misto de relato de memória para a época atual e informação para a época na qual ocorreu o fato. Os versos que estão informando, no momento do acontecido, estavam ao mesmo tempo registrando os fatos sociais. A voz que registra essa memória é oriunda de uma comunidade popular. Ao se apropriar das informações e relatos, o poeta redigia uma parte da memória do Estado de

Pernambuco. Seu registro, embora importante na construção de uma memória coletiva, não se encontra nas fontes de informação oficiais.

A CI ao estudar e analisar esses suportes informacionais da cultura popular oferece outros relatos da memória de um país como o Brasil, tão plural em sua cultura. Há dois conceitos importantes a serem analisados em suportes informacionais como o cordel, são eles: a informação da prática social, produzida pelo indivíduo que recebe ou busca informação, e através da utilização, produz e dissemina uma informação na qual insere uma interpretação e linguagem própria, como por exemplo, a poesia; a memória social. São relatos que não constam na memória coletiva oficial do país, mas que registram vozes diferentes que são importantes para a construção de uma memória coletiva comum a todos os grupos sociais. Por esta razão, é indispensável o resgate dos relatos sociais de grupos populares e culturais, no que diz respeito à construção e disseminação de seus relatos memoriais.

O acervo digitalizado do poeta José Soares nos apresenta uma produção de informação e registro de memória. Através dos cordéis, é possível visualizar a produção de informação do poeta, classificar e entender quais classes temáticas são mais expressivas no seu acervo, e compreender como eram feitas as buscas de informação do poeta, como eram direcionadas pelas notícias da época, e por seus interesses pessoais, como nos mostra à temática **Esporte**.

5.2.2 Entrevista: algumas reflexões

O poeta José Soares faleceu em Timbaúba, em 9 de janeiro de 1981. Diante disso, buscamos entrevistar o filho do poeta, o também poeta e xilógrafo Marcelo Soares, que acompanhou seu pai e tem conhecimento suficiente para nos fornecer dados que permitam identificar as fontes de informação que o poeta utilizava para sua produção, como proposto nos objetivos deste trabalho.

Não foi possível fazer a entrevista presencial com o poeta, então utilizamos o endereço eletrônico para o envio de um arquivo com 9 perguntas abertas a serem respondidas (informação verbal)¹⁸. Marcelo Soares descreve o começo do seu pai no cordel, e quando perguntado se seu pai se preocupava em registrar a memória, o mesmo responde da seguinte forma:

Sim. Os primeiros folhetos de papai não tratavam especificamente de temas de acontecimentos ou de época. Com o passar do tempo, ele foi mudando a temática de suas obras e passou a escrever e publicar cordéis que tratavam de acontecimentos do dia-a-dia do povo.

Havia uma preocupação do poeta com fatos do cotidiano do povo, e a mudança da temática acontece naturalmente motivada pelo seu interesse em relatar os

¹⁸ A entrevista foi enviada e devidamente respondida pelo poeta e xilógrafo Marcelo Soares no dia 23 de julho de 2011.

acontecimentos. Percebemos, dessa forma, que há um desejo de se manter informado e uma necessidade de informação, uma vez que o poeta tem como atividade profissional a poesia e se especializa numa poesia informativa.

Outra questão levantada foi o título de poeta-repórter presente nas capas dos cordéis do poeta. O filho do poeta diz que:

Há divergências. Segundo ele me disse, ele passou a utilizar o nome Poeta-repórter em seus cordéis após o Diário de Pernambuco publicar reportagens intitulado-o desta forma.

Através das pesquisas no acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, percebemos que era comum os poetas se auto-intitulem. Por isso, seria importante verificar nos arquivos do jornal Diário de Pernambuco se essa informação procede, uma vez que essa informação seria útil também para família do poeta e para melhor compreensão do contexto de sua obra, como jornalista popular.

Quando questionado sobre como José Soares procedia na produção dos cordéis de circunstância, o filho do poeta informa como o pai costumava agir no seu trabalho.

Papai era um poeta muitíssimo bem informado. Lia todos os dias os três principais jornais de Pernambuco, além de ouvir muitas notícias no rádio e assistir os programas jornalísticos da televisão local e nacional. Inclusive já tinha pronto dezenas de cordéis a respeito de grandes celebridades como Roberto Carlos, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Miguel Arraes, entre outros. Além disso, contava com uma

rede de vendedores ambulantes que estavam sempre dispostos a aproveitar o momento da morte de um desses “figurões” para faturar um bom dinheiro.

Essa resposta nos apresenta diversos dados importantes da produção do poeta e da titulação de poeta-repórter. No primeiro momento, Marcelo Soares nos apresenta as fontes de informação mais utilizadas pelo poeta, que são: os **periódicos impressos e as mídias de comunicação (jornais, televisão e rádio)**. Isso nos mostra que havia uma necessidade de informação como diferencial para um mercado, que era o da poesia do cordel informativo. No seu cordel informativo *A cheia do Capibaribe* (1977, p. d4) o poeta relata algumas dessas fontes de informação da época:

A Clube de Pernambuco
 numa ação sub-humana
 dava notícia garbosa
 através de Zé Santana
 que catava subsídio
 pela Zona suburbana

Rádio Jornal do Comércio
 uma fonte informativa
 através de Walter Spenser
 Zé Carlos e Fernando Silva
 Jader de Bastos também

trazia notícia viva

A Comissão Guararapes
fez uma convocação
quero dizer um apelo
a toda população
pedindo para ajuda-lo
no seu programa de ação.
Rádio Repórter também
botou a disposição
seu famoso microfone
servindo a população
um gesto muito bacana
teve sua direção.

A necessidade de informação do poeta partia de um imperativo profissional para melhor desenvolvimento de suas competências e habilidades na produção do cordel. Num segundo momento, visualizamos através dessa resposta que o poeta tinha características bem peculiares quanto ao jornalismo, uma vez que se preocupava em ter um acervo já pronto da biografia de algumas celebridades, e uma rede de vendedores, ou seja, a capacidade de colocar a notícia nas ruas de forma rápida, bem própria do jornalismo. Como segue no próximo relato, quando perguntamos a Marcelo Soares se havia um interesse maior do poeta pelo cordel informativo.

Sim. Inclusive alguns cordéis tiveram grandes vendagens como, por exemplo, “A Morte do Deputado Alcides Teixeira”, “A Morte de Juscelino Kubistchek”, “A Morte do Cantor Evaldo Braga”, todos com mais de 50.000 exemplares vendidos em 8 dias. É interessante o fato de que todos esses títulos eram acrescidos da palavra “Lamentável”.

O poeta José Soares tinha um viés jornalístico na sua produção do cordel de circunstância. Ao produzir uma informação da prática social, o poeta apresentava uma perspectiva comercial do seu produto. Percebia o cordel como um “jornal popular”. Quando questionado de como o poeta José Soares visualizava a informação, Marcelo Soares responde:

O poeta tinha um tino jornalístico, apesar de não ser “formado”. Quando corria a notícia de que um determinado “figurão” morreu, ele prontamente escrevia o cordel em menos de 2 horas, levava a uma gráfica com a qual já trabalhava há muitos anos, e no outro dia bem cedo, já estava juntamente com a sua equipe de vendedores, a postos para comercializar os cordéis.

Isso nos revela um poeta que busca a informação por uma necessidade, e com um viés comercial, que direciona sua produção para uma informação imediata, a informação do cotidiano. Segundo Marcelo Soares, o que despertava o fascínio de José Soares pela poesia informativa era o “imediatismo da venda”. Há nesse indivíduo uma busca de informação como diferencial profissional.

5.3 Análises do acervo Ismael Gaião no site Recanto das Letras

Ismael Gaião, poeta pernambucano, apresenta um acervo menor em relação aos dois poetas já estudados, mas não menos importante. Suas poesias apresentam tanto a informação da prática social quando relatos de memória. Para entender um pouco mais o poeta, apresentamos um pouco do seu perfil e contribuições para a literatura de cordel brasileira.

Ismael Gaião da Costa nasceu em Condado-PE, Zona da Mata Norte de Pernambuco, em 07 de maio de 1961. Atualmente reside no Recife-PE. Engenheiro Agrônomo, Funcionário Público Federal, lotado na UFRPE - Estação Experimental de Cana-de-Açúcar de Carpina. Publicou 25 (vinte e cinco) Cordéis e diversas poesias (sonetos, matutas, sociais). É filiado à UNICORDEL - União dos Cordelistas de Pernambuco, na qual integra a equipe de Declamadores. (RECANTO DAS LETRAS, [2011?])

Utilizamos como fonte para pesquisa do acervo de Ismael Gaião o site *Recanto das Letras*. Esse site reúne poesias de diversos autores, nos mais variados estilos de literatura. Apesar de o poeta Ismael Gaião escrever crônicas e outros gêneros, buscamos direcionar os estudos para o cordel, nosso interesse e objeto de pesquisa.

Coletamos 30 títulos do acervo presente no site. Com isso foi possível identificar, através da classificação proposta por Albuquerque, as seguintes classes temáticas:

BIOGRAFIAS E PERSONALIDADES (3 títulos)

CULTURA (8 títulos)

ESPORTE (1 título)

HUMOR (2 títulos)

JUSTIÇA (1 título)

MEIO AMBIENTE (2 títulos)

MORALIDADE (2 títulos)

PELEJAS (1 título)

PODER (4 títulos)

POLÍTICO E SOCIAL (4 títulos)

RELIGIÃO (1 título)

SAÚDE E DOENÇA (1 título)

Identificamos, após a análise de conteúdo e classificação, que as classes temáticas *Cultura*, *Poder* e *Político Social* são as mais expressivas no acervo do autor, presente no site *Recanto das Letras*. Verificamos que o poeta Ismael Gaião demonstra interesse em registrar a memória da cultura nordestina. Em seu cordel intitulado *O São João do Nordeste é o melhor do Brasil* (2009), o poeta relata costumes da cultura popular.

Animando a brincadeira
Cidades são enfeitadas
Com bandeirinhas bonitas,
Coloridas, recortadas
Nas casas do interior

Tem delas de toda cor
Nas janelas penduradas

Encontramos nas calçadas
Gente soltando rojão
Peido de veia, foguete
Traque de massa, vulcão
Buscapé e estrelinha
Pistola, salva, chuvinha
E diabinho mijão

Toda rua tem salão
Pra ter um arrasta pé
E se come o milho verde
Plantado com muita fé
Pois o homem nordestino
Já planta desde menino
No dia de São José

É possível identificar nas suas poesias a busca pela informação. O poeta relata na poesia *Cordel para candidatos Fichas-suja* (2008?) que faz uso dos meios de comunicação para produzir seus folhetos informativos.

Hoje em dia a imprensa tem mostrado
E a CNBB já faz campanha
Pra que o povo não vote por barganha
Em político que tem nos enganado

“Ficha suja” não deve ser votado
Nem devia poder se registrar
Pois se teve uma conta irregular
Do dinheiro do povo abusou
Quem já foi um prefeito e não prestou
Não merece voltar pra governar.

A informação da prática social presente nos cordéis de Ismael Gaião nos parece fruto de leituras, de busca de informação e conhecimento aprofundado em determinadas temáticas. Outra questão importante é que o poeta demonstra uma postura crítica e consciente sobre os fatos de seu tempo e sobre os meios de comunicação de massa e manipulação, registrando o comportamento abusivo de alguns veículos. No cordel intitulado *O colorido de Collor que a Globo nunca mostrou* (2009), o poeta, além de apresentar uma crítica à política da época, faz o leitor visualizar o comportamento dos meios de comunicação de massa do período.

Desde bancos nacionais
Deputados e prefeitos
Até multinacionais
Querem que ele seja eleito
Mas a grande Rede Globo
Que faz o povo de bobo
É o seu maior padrinho
Pois Collor na presidência
Vai aumentar a potência
De seu Roberto Marinho
Collor é proprietário
De rádio e televisão
Mas vejo que empresários
Vivem sempre em comunhão
Porque o S.B.T.
Que sempre quis ser poder
Também entrou no “Complô”
Levando Collor pra “Praça”

Pra “Hebe” que é sem graça
E pro programa de “Jô”

A informação da prática social é ressignificada na poesia informativa do poeta. Através das temáticas, podemos visualizar o seu interesse por se posicionar quanto à notícia da sua época. Diferente de outros cordelistas que, por censura ou receio de repressão política, não podiam demonstrar de forma tão clara sua posição, e usavam de humor ou ironia para tal, o poeta contemporâneo da literatura de cordel é livre para registrar a memória do seu tempo.

5.3.1 Entrevista e reflexões

A entrevista com o poeta Ismael Gaião foi realizada através de correio eletrônico. Na entrevista, o poeta diz que tomou conhecimento sobre o mundo da poesia popular através de seu pai, que sempre recitava os cordéis. O poeta possui formação em Agronomia, mas desenvolveu o gosto pela literatura de cordel. Ele iniciou sua trajetória através de um folheto que relata a memória da sua família, uma homenagem a seu pai.

Para minha felicidade, meu primeiro cordel foi em homenagem ao meu pai, “A Venda de Joca Galego”, no qual eu contei toda sua história, desde a infância pobre, quando perdeu sua mãe aos sete anos de idade até formar oito filhos

no curso superior e sempre lembrando que seu objetivo de vida e suas conquistas surgiram com a sua venda, uma pequena mercearia no interior de Pernambuco. A partir daí, busquei fazer cordéis educativos, informativos ou de cunho político e social como “Gerações de Poetas Repentistas que divulgam a cultura nordestina”, “Prazeres e vícios do cigarro”, “O colorido de Color que a Globo nunca mostrou”, “Menino de Rua”, entre outros. Acredito que faltava inspiração para fazer uma poesia mais romântica ou de humor. Por isso comecei enveredando por essas vertentes.

O poeta nos mostra através da entrevista uma habilidade inicial maior para a poesia informativa ou educativa do que para outras temáticas. Mas percebemos que, através do seu acervo, com o desenvolver de suas habilidades como cordelista, ele envereda por outras temáticas.

Atualmente, também busco fazer cordéis de humor como “O encontro de Michael Jackson com o Menino Jesus”, “Seu Lunga – Tolerância Zero” e “Procurando a Mulher certa”.

O poeta nos revela também as fontes de informação utilizadas para produção do seu folheto informativo:

No início da carreira de cordelista, eu usei muito os livros, as revistas e os jornais. Atualmente, pesquiso mais na internet, mas sempre utilizo diversos sites e faço minhas considerações, pois não confio em tudo que se publica na internet e procuro ser autêntico para não fazer plágio de nenhum escritor. Dessas pesquisas surgiram os cordéis “O São João do Nordeste é o melhor do Brasil”, “Não há terra

melhor que o Nordeste, eu me orgulho aqui é o meu lugar”, “No Nordeste é diferente, é assim que a gente fala”, “O Nordeste é arretado, no mundo não tem igual”, entre outros.

Há nessa resposta uma perceptível mudança de escolha nas fontes de informação. Entendemos que, por toda rapidez e acesso que a internet proporciona, os poetas contemporâneos a utilizem com maior frequência, mas é importante ressaltar que esse poeta utiliza a rede de forma consciente e crítica, e busca a informação por uma necessidade. Notamos que ele é um usuário especializado e consciente de suas habilidades e necessidades informacionais.

Sobre sua forma de produzir esses folhetos informativos, o poeta respondeu que:

Primeiro eu pesquiso o assunto para enriquecer meus conhecimentos e dar mais qualidade e importância ao cordel, depois tento escrever com um toque de humor para que a leitura não se torne chata ou cansativa e, dentro do possível, tento deixar uma mensagem de esperança e dignidade para o leitor refletir. Foi assim que escrevi “Quem já foi um prefeito e não prestou não merece voltar pra governar”, “As aventuras de Chico, o macaquinho fujão”, “A coleta seletiva e a reciclagem de lixo”, “Cordel do Santinha Encantado”, que foi campeão pernambucano mesmo estando na quarta divisão nacional, entre outros.

O poeta Ismael Gaião se apresenta como um usuário especializado na busca da informação e utiliza as fontes de

informação para suprir uma necessidade que parte da sua produção de cordel informativo. O cordelista utiliza uma informação da prática social e a ressignifica para a literatura de cordel.

Outro ponto importante é que esse poeta popular contemporâneo já não se sustenta financeiramente com sua produção. Exceto em alguns casos, o cordel para poetas como Ismael Gaião é um deleite, uma forma de manter viva uma cultura e o fator financeiro se torna secundário. Ismael tem uma formação e ocupação para se manter, e acreditamos que, hoje, ele é mais um preservador dessa cultura, que espera menos o lucro financeiro e mais o reconhecimento como ativista cultural. Assim como Ismael Gaião, entendemos que o poeta contemporâneo vivência uma maior liberdade no uso das palavras e exposição da sua posição política.

É algo que me dá muito prazer. Eu chego a me sentir um poeta ou escritor quando alguém elogia ou adquire meus cordéis e, principalmente, quando sou aplaudido em um recital. Comecei a escrever por divertimento, mas atualmente, posso dizer que a literatura de cordel já me traz algum lucro financeiro, apesar de eu não ter essa arte como profissão. Os convites para recitais com cachês, as vendas dos meus trabalhos na Fenearte, na Bienal do Livro e em alguns pontos de venda, no Recife e no interior de Pernambuco, têm sido uma ajuda interessante no meu salário.

Visualizamos, com a análise do poeta Ismael Gaião, um cordelista com um comportamento informacional (busca e

uso da informação) de um usuário especializado, que busca suas fontes de informação de forma crítica e consciente de suas competências.

Eu sempre desejei que meus cordéis chegassem à sala de aula, tanto pelo cunho poético quanto pela importância educacional e, graças a Deus, estou atingindo esse objetivo, pois sempre recebo informações de professores que utilizam meus folhetos em suas aulas, inclusive no mês de novembro de 2011, os alunos de uma escola particular de Camaragibe (Escola Professora Jovelina) encenaram quatro cordéis de minha autoria e eu fui convidado para assistir às peças, o que me deu muito prazer.

Através de sua produção e entrevista, entendemos que o poeta Ismael Gaião é um usuário especializado que utiliza a informação da prática social e através de suas competências e habilidades busca, através das fontes de informação, dar maior credibilidade às notícias que ressignifica em seus folhetos informativos. Sua necessidade de informação surge de uma preocupação e dedicação à sua arte, e ao seu trabalho como poeta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos acervos pesquisados, foi possível identificar os processos informacionais presentes na produção do cordel informativo. Entendemos que os poetas analisados apresentam um comportamento informacional (busca, produção e uso da informação) representado pelo processo de procura de informação realizada nos meios de comunicação (impresso, como jornais e revistas; por rádio; TV e internet no caso do poeta contemporâneo) e de sua necessidade informacional na produção do cordel informativo.

Após a classificação do acervo, foi possível visualizar as temáticas de cada poeta. Conseguimos identificar uma parcela de poetas e verificar a produção e o comportamento informacional de cada um em sua época. De acordo com as pesquisas desenvolvidas, chegamos aos resultados de que poetas da primeira geração, como Leandro Gomes de Barros – sempre muito reconhecidos por sua influência do cordel português com as temáticas de Romance de Bravura e Valentia – também apresentam uma importante produção de folheto informativo, que registra a memória de sua época.

Apesar da ausência da entrevista que nos pudesse relatar mais sobre sua produção, percebemos que o poeta fazia uso da informação que resultava da *prática social*, como as notícias da época. Havia um grande interesse em relatar algo que tivesse importância para seu público: o folheto informativo resultava na informação direcionada a um nicho específico consumidor daquele tipo de conteúdo.

Já com o poeta José Soares, auto-intitulado como poeta repórter, as pesquisas nos propiciaram a verificação da existência de uma necessidade de informação que, nesse sentido, surge de uma necessidade profissional especializada em cumprir a tarefa de comunicador social. Sua poesia informativa e seu acervo têm um expressivo número de folhetos informativos, que registram fatos importantes relacionados à temáticas como política, esporte, história, cultura, entre outras. Em conformidade com o que o autor expõe, identificamos que há um imediatismo jornalístico nos cordéis do poeta José Soares. O autor fazia uso das fontes de informação diariamente com foco na sua produção em busca do desenvolvimento de suas competências e habilidades quanto a noticiar com os cordéis a informação da época.

Ao finalizar a pesquisa, concluímos que o poeta contemporâneo nos apresenta um acervo que está voltado aos folhetos informativos presentes nas mais diferentes temáticas como Política e Social, Meio Ambiente, Saúde e Doença, entre outras. Suas competências e habilidades o levam a buscar uma informação especializada, por ser um tipo de autor que trabalha de forma crítica quanto às fontes de informação que utiliza. Seus folhetos informativos partem de notícias e fatos da prática social que são ressignificadas pelo uso de suas competências e da busca de informações que possam desenvolver seus próprios conhecimentos.

Nesse sentido, e de acordo com a proposta dessa pesquisa, podemos afirmar que alcançamos os resultados desejados, ao identificar os processos informacionais presentes na literatura de cordel. Através do seu

comportamento informacional, foram verificadas as atividades de busca, produção e uso da informação, as fontes de informação utilizadas pelos poetas, e os meios de comunicação. Assim como, com a classificação proposta por Albuquerque (2011), foi possível visualizar a produção de cada poeta, como consta nos apêndices.

Então, os resultados nos levam a crer que as três gerações de poetas com seus acervos e temáticas registraram significativos fatos da História do Brasil, e mostram a existência de um diálogo entre memória e a informação. Observamos que a necessidade e a busca de informação sofreram mudanças através dos tempos, acompanhando a época de cada poeta. Outro importante resultado que vale ressaltar é a peculiar necessidade de informação para a produção do folheto informativo por parte de cada poeta, e como cada um agia e age no seu tempo, buscando suprir essa necessidade através das fontes mais acessíveis, e de acordo com suas *habilidades e competências*.

Há, portanto, no acervo destes três poetas, uma significativa parte da memória do Brasil, ressignificada por eles, e incorporadas à beleza da poesia popular.

Finalizamos este estudo entendendo e ressaltando que a Ciência da Informação, ao se debruçar sobre estudos que visualizam essa *informação da prática social*, insere contribuições positivas à comunicação e visualização da informação, aliadas à memória de grupos populares. Além de direcionar esforços para a compreensão dessa informação e memória, ainda marginalizadas.

Acreditamos que este estudo contribui para o entendimento da produção e uso da informação da prática social, ampliando a problemática da informação para além da informação científica e tecnológica. Através dos estudos da CI sobre comportamento informacional, necessidade e uso da informação podemos compreender como os grupos sociais tecem seus saberes e, sobretudo, por meio da CI, podemos comunicar e visualizar esse conhecimento. O folheto informativo, assim como outras fontes de informação, é produzido por um indivíduo dotado de saberes e competências, que busca e usa a informação. Acreditamos que a Ciência da Informação deve identificar, estudar e refletir também sobre as fontes de informação marginalizadas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leituras do Brasil, 1999.

ABREU, Márcia. Então se forma a história bonia: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004.

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Literatura Popular de Cordel**: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica. 2011. 316 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal da Paraíba, 2011.

AMORIM, Maria Alice. O folheto de circunstância: 11 de setembro em cordel. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, PR, v. 1, n.1, p. 48-55, 2003.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**: perspectiva de análise. São Paulo: Ática, 1987.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Uma face da ciência da informação. In: CASTRO, I. S. de... et al. **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1999. p.133-141.

_____. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, jul./dez. 2007.

BACCEGA, Maria Aparecida. Apresentação. In: CINTRA, Anna Maria Marques et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Pólis, 2002. 92 p.

BARRETO, Aldo. **Entrevista de Leonardo Melo ao Professor Aldo Barreto**: "Leia e Pense!". 2002. Disponível em: <<http://www.alternex.com.br/~aldoibct/novidade.htm>>. Acesso em: 02 jan. 2011.

BENJAMIN, Roberto. **Literatura de cordel**: produção e edição. Recife: UFRPE, 1979.

BETTIOL, E. M. Necessidade de informação: uma revisão. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 59-69, jan./jun. 1990.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 9-16.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, Maryland, v.45, n.5, p.351-360, 1991.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAMPÊLO, Clóvis. José Soares, o poeta repórter. In: **O Nordeste.com**. Disponível em: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Jos%C3%A9+Soares<r=j&id_perso=2415>. Acesso em: 15 maio 2011.

CAMPOS, Alda Maria Siqueira. **Literatura de cordel e difusão de inovações**. Recife: FUNDAJ, Massangana, 1998.

CAMPOS, Maria Luiza Almeida. Perspectivas para o estudo da área de representação da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.25, n.2, 1995.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 19 jul. 2010.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

CHOO, Chun Wei. Um modelo de uso da informação. In: _____. **A organização do conhecimento**. São Paulo: SENAC, 2003.

CINTRA, Anna Maria Marques et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Pólis, 2002. 92 p.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-149, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2062>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

COSTA, Luciana Ferreira da; SILVA, Alan Curcino Pedreira da; RAMALHO, Francisco Arruda. (Re)visitando os estudos de

usuário: entre a “tradição” e o “alternativo”. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, ago. 2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago09/Art_03.htm>. Acesso em: 09 set. 2011.

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologia para estudos dos usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v.10, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 1982.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **Retrato do Brasil em cordel**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

DERVIN, B.; NILAN, M. Information needs and uses. **Annual Review of Information Science and Technology**, White Plains, NY, v. 21, p. 3-33, 1986.

_____. User as research inventions: how research categories perpetuate inequities. **Journal of Communication**, New York, v. 39, n. 3, p. 216-232, 1989.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle. **O sentido e o significado de documento para a memória social**. 1997. 185 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

EDUCAÇÃO e informação: a distribuição da informação na sociedade. Revista **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v.86, p.46-60, jul./ dez. 1986

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas e novos usuários de informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=novos%20paradigmas%20e%20novos%20usu%C3%A1rios%20de%20informa>

%C3%A7%C3%A3o&source=web&cd=1&sqj=2&ved=0CCMQFjAA&url=http%3A%2F%2Frevista.ibict.br%2Findex.php%2Fciinf%2Farticle%2Fdownload%2F440%2F398&ei=48fT5jvJYTYtwfqo_GqBQ&usg=AFQjCNEpoFp6ZMHOeWwEfe09X8vOncqX-g>. **Acesso em: 25 set. 2011.**

FIGUEIREDO Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da Informação**, v. 21, n. 3, p. 186-191, 1992. Disponível: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/1277>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Configuração epistemológica da ciência da informação no Brasil em uma perspectiva pós-moderna: análise de periódicos da área. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 49-66, maio/ago. 2004.

FROHMANN, Bernd. Taking policy beyond information science: applying the actor network theory for connectedness: information, systems, people, organizations. In: ANNUAL CONFERENCE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE, 23, 1995, **Proceedings...** Edmond, Alberta. Disponível em: <<http://instruct.uwo.ca/faculty/Frohmann>> Acesso em: 1 out. 2008.

FUJINO, Asa; PRAZERES, Ana Paula Pereira dos; OLIVEIRA, Laucivaldo Cardoso de. Apropriação do conceito de gestão do conhecimento na Ciência da Informação: um estudo a partir da análise de citações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT7--080.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2011.

GALINDO, Marcos. Tecnologia & memória. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.50, p.179-190, set./mar. 2010.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. História em verso e reverso. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. 2007.

Disponível em:

<<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=175&pagina=1>>. Acesso em: 16 out. 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 222 p.

HJORLAND, Birgerf. Domain analysis: a socio-cognitive orientation for Information Science research. **Bulletin of the American Society for Information Science and Technology**, v. 30, n. 3, p. 17-21, Feb/Mar. 2004.

JEUDY, Henri Pierre. **Memorias do social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1990. 146 p.

LE COADIC, Yves-francois. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet De Lemos, 2004. 124 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. [5. ed.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, c2003. 541 p.

MARTELETO, R. M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.11-23, jul./ dez. 1995.

MARTELETO, R. M.; RIBEIRO, L. B.; GUIMARÃES, C. Informação em movimento: produção e organização do conhecimento nos espaços sociais. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, ano 2, n. 1, p. 69-80, jun. 2002.

MEDEIROS, Irani. Literatura de cordel: origem e classificação. In: BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita et al (Org.). **Estudos em literatura popular**. João Pessoa: UFPB, 2004.

MENZEL, H. The information needs of current scientific research. **The Library Quartely**, Chicago, v. 34, n. 1, p. 4-19, Jan. 1964.

MIRANDA, Májory K. F. de Oliveira. **O acesso à informação no paradigma pós-custodial**: da aplicação da intencionalidade para findability. 2010. 353f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) -. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto (PO), 2010.

NASCIMENTO, Denise Morado. A abordagem sócio-cultural da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.16, n.2, p.21-34, jul./dez. 2006.

NASCIMENTO, Denise Morado; MARTELETO, R. M. A “informação contruída” nos meandros dos conceitos da teoria social de Pierre Bordieu. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out04/F_I_art.htm>. Acesso em: 23 jan. 2007.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **A criatividade como sopro que articula arte e ciência**. Recife: [s.n.], 2010. No prelo.

NORA, Pierra. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Almir Felix Batista de. O IPHAN e o seu papel na construção/ampliação do conceito de patrimônio histórico/

cultural no Brasil. **Revista Cadernos do CEOM**, Chapecó, SC, a. 21, n. 29, p. 19-38, 2009. Disponível em: <<http://apps.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/326/167>>. Acesso em: 11 out. 2011.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. **O conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil**: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação. 2010. 196 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **Ponto de Acesso**. Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009.

OLIVEIRA, Maria Cristina Guimarães. **O uso social da informação na rede de desenvolvimento de Santo Amaro**. Recife, 2007. 160 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

OLIVEIRA, Severina S. da Silva; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth B. C. de. **Folhetos de cordel**: critérios para organização e recuperação. Disponível em: <<http://dc12.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/204/1/folheto%20de%20cordel.pdf>>. Acesso: 12 ago. 2010.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro (Org.). Campo interdisciplinar da ciência da informação: fronteiras remotas e recentes. In: _____. **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: DDI/DEP, 1999. p. 155-182.

PINTO, Lourival Pereira. Os usuários da informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.4, n. 3, p. 3-15, dez. 2010. Disponível em:

<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4667/3561>>. Acesso em: 2 set. 2011.

POETAS e cantadores. Disponível em:

<<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/poeta.html#>>.

Acesso em: 25 jan. 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMBO, Olga. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes**. p. 1-15. Disponível em:

<<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/opombo-classificacao.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2010.

PRIGOGINE, I. Das ciências e dos homens: as razões do otimismo. In: _____. **Ciência, razão e paixão**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Livraria da Física, 2009. p. 35-43.

RECANTO das Letras. Disponível em:

<<http://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=50436>>.

Acesso em: 01 set. 2011.

ROBERTS, N. *Social considerations towards a definition of information science*. **Journal of Documentation**, London, v. 32, n. 4, p.249 – 257. 1976.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./abr. 1996.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, 6(1): 9-12, 1977.

SILVA, Armando Malheiro da. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico. Porto, PO: Edições Afrontamento, 2006.

SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. **Informação e formação da identidade cultural**: o acesso à informação na literatura de cordel. In: Informação e Sociedade, João Pessoa, v.16, n.1, p.215-222, jan./jun. 2006.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TEIXEIRA, Nísio. Jornais. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra. Introdução às fontes de informação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p.67-87.

VITAL, Luciane Paula. **Taxonomia como ferramenta para a representação do conhecimento em portais corporativos**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. 87 p.

WALTRICK, Soraya Arruda. **Critérios para a seleção de fontes de informação científica multimídia em acesso livre na Internet** : criação de acervo digital para cursos de graduação à distância. 2009.169 f.Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

WERSIG, Gernot. Information science: the estudy of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, Elmsford, NY, v.29, n.2, p.229-239, 1993.

APÊNDICE A - ALGUMAS TEMÁTICAS PARA CLASSIFICAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL DO ACERVO DO POETA LEANDRO GOMES DE BARROS.

Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa

Respeitamos a catalogação da Fundação Casa de Rui Barbosa, por isso, nos apêndices, as datas dos cordéis são as que constam nas fichas catalográficas do acervo dos poetas Leandro Gomes de Barros e José Soares. Assim como também, respeitamos a escrita dos autores.

BIOGRAFIAS E PERSONALIDADES

O nascimento de Antonio Silvino ([19--])

BRAVURA E VALENTIA

As lagrimas de Antonio Silvino por Tempestade [s.d.]
Antonio Silvino no jury (juri) - Debate de seu advogado [19--]

Antonio Silvino o rei dos cangaceiros [1910/1912]

As victimas innocentes de Garanhuns, os defensores [dos]
innocentes de Garanhuns [19--]

Villa Nova na prizão [19--]

Exclamações de Antonio Silvino na cadeia [19--]

A morte de Alonso (e a) vingança de Marina [1919]
O sonho de Antonio Silvino (1918)

CIDADE E VIDA URBANA

Os homens da mandioca (1915)
A festa do Mercado do Recife: homenagem a Dantas Barreto [19--]
Festas do Juazeiro no vencimento da guerra [19--]
A cidade do Recife (1908)

CONTOS

História de Juvenal e o dragão (completa) [19--]
Historia de João da Cruz (1917)
Branca de Neve e o soldado guerreiro [1917/1918]
O cachorro dos mortos [1911 ou 1919?]
Como João Leso tornou a illudir o bispo ou Como João Leso vendeu o Bispo (19--)
A vida completa de João Lezo (1919)
Viagem de João Lezo à Serra do Céu (1919)
Como João Lezo vendeu o Bispo (1919)
A vida de João Lezo (superior a Canção de Fogo) (1916?)
O príncipe e a fada (1917)
Trez quengos finos [191?]

Viagem de João Lezo a serra do céu (céu) - Uma quengada que lhe rendeu cento e trinta e dois contos de reis -- História completa (1916?)

ESPORTE

O soldado jogador [19--]

HUMOR

Um susto de minha sogra

A defesa do aguardente

A alma de uma sogra [19--]

As proesas de um namorado mofino [19--]

Doutor de 60 [1913/1914]

O casamento hoje em dias [19--]

Conferencia de Chiquinha com Gregorio das Batatas [19--]

Se algum dia eu morrer [19--]

Gosto com desgosto (o casamento do sapo) (1909)

Ultimas palavras de um Papa na hora da morte – decima (1909)

Casamento e divorcio da lagartixa [19--]

Disculção do vinho com a aguardente [19--]

A dôr de barriga de um noivo [19--]

A mulher na rifa [19--]

Vaccina para não ter sogra [19--]

Mulher em tempo de crise [19--]

Um sonho de trez horas [19--]

Vaccina para não ter sogra (1910)

Se algum dia eu morrer [19--]

A intriga da aguardente [19--]

Parodia (1908)

Se algum dia eu morrer (1917)

O pezo de uma mulher (1915)

INTEMPÉRIES

A secca do Ceará (1920)

A secca do Ceará [19--]

JUSTIÇA

Defesa feita pelo Doutor Ibiapina antes d'elle ser padre, na villa do Brejo de Areia, hoje cidade (1917)

Lamentação (1918)

MORALIDADE

As saias calções (1911)

MORTE

A morte do Arcebispo de Olinda [19--]

Quanto perdeu-se [19--]

Prantos dos catholicos [19--]

PELEJAS

Debate de Josué Romano com Amaro Coqueiro do Piauíhy (1915)

Como derribei o marco do meio mundo [1917/1918]

Peleja de Antonio Baptista e Manoel Cabeceira [1912?]

Discussão do autor com uma velha de Sergipe [19--]

Romano e Ignacio da Catingueira (1910)

Peleja de José do Braço com Izidro Gavião [19--]

Peleja de Josué Romano com Manoel Serrador (1911)

Peleja de José Duda e o cego José Sabino [19--]

Peleja de Josué Romano e Manoel Serrador [19--]

Peleja de Manoel Riachão com o Diabo [19--]

Segundo debate de Josué Romano e Manoel Serrador

Segundo debate de Riachão com o diabo fingido em homem chamado Mumbaça (1917)

O marco brasileiro (brasileiro) (1916?)

PODER

O imposto de honra (1916?)

Echos da patria (1917)

A guerra (1917)

O fiscal e a lagarta [19--]

O governo e a lagarta contra o fumo [19--]

A crise actual e o augmento do sello (actual, aumento, selo)
(1915)

O Tempo de hoje (1918)

Panellas que muitos mexem [19--]

Cançoneta dos morcegos [19--]

POLÍTICO E SOCIAL

O sorteio militar [s.d.]

O sorteio militar (1918)

As afflições da guerra da Europa (1915)

A Urucubaca (1915)

O dinheiro (1909)

Os collectores da Great Western [19--]

O povo na cruz [19--]

A voz dos pernambucanos [19--]

A mulher e o imposto [19--]

O novo balão [19--]

RELIGIÃO

12 de Outubro [19--]

O antigo e o moderno (Incompleto) (1915)

ROMANCE

Batalhas de Oliveiros com Ferrabraz (1909)

Batalhas de Oliveiros com Ferrabraz (1920)

Batalha de Oliveiros com Ferrabraz (1913)

A força do amor [1910/1912]

A força do amor (16a. edição cuidadosamente revista) [1918]

O mal em paga do bem ou Rosa e Lino de Alencar [19--]

A prisão de Oliveiros e dos seus companheiros [19--]

Queixas amorosas [19--]

Os sofrimentos de Alzira (sofrimentos) /Os soffrimentos de Alzira (4a. edição cuidadosamente revista) (1919)

SOBRENATURAL

O gallo mysterioso, marido da gallinha de dentes (galo, misterioso, galinha) [1917/1918]

Bento, o milagroso de Beberibe [1912?]

O azar na casa do funileiro [19--]

O cometa (1910)

Como Antonio Silvino fez o diabo chocar [19--]

Mosca, pulga e persevejo [19--]

APÊNDICE B - ALGUMAS TEMÁTICAS PARA CLASSIFICAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL DO ACERVO DO POETA JOSÉ SOARES.

Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa

BIOGRAFIAS OU PERSONALIDADES

Homenagem ao governador Eraldo Gueiros [19--]

M. D. B.; a bravura de uma mulher: Cristina Tavares Correia
[s.d.]

MORTE

Lamentável morte do santo Papa Paulo VI, A [s.d.]

Lamentável morte do coronel Chico Heraclio [1974]

Lamentável morte do deputado Alcides Teixeira, A [s.d.]

Lamentável morte do senador Rui Carneiro, A [s.d.]

Ludugero, morto ou vivo? [s.d.]

Mãe que matou o filho em Limoeiro, A [s.d.]

Mãe que matou o filho em Limoeiro, A (Variante) [s.d.]

Morte de Elvis Presley, A [1977]

Morte de Orlando Silva, A [s.d.]

Morte tragica do saudoso cantor Evaldo Braga, A [1973]

SAÚDE E DOENÇA

Que é a meningite, O [1974]

Gripe inglesa passeando no Brasil, A [s.d.]

MORALIDADE

Divórcio no Brasil, O [s.d.]

Corrupção de hoje em dia, A [s.d.]

MEIO AMBIENTE

Fenômeno dos fenômenos O Rio São Francisco secando, O [s.d.]

INTEMPÉRIES

Cheia do Capibaribe, A [1977]

Eclipse e o cometa Kohoutek, O [s.d.]

Ponte que não caiu, A [1978]

Queda do Skylab e o medo do povo, A [1979]

Tragédia de Garanhuns [1980]

Tragédia de Jaboatão 13 mortos e 35 feridos, A [s.d.]

Tragédia do Batelão, na Lagoa Solon de Lucena, na Paraíba [s.d.]

Tragédia na procissão - luto em Currais Novos - 23 mortos e 60 feridos [s.d.]

PODER

Anistia, ampla e a volta de Arraes [1979]

Chegada de Arraes, A [1979]

Fim do caso Moreno, O [1975]

POLÍTICA SOCIAL

Acabou a gasolina? ou a gasolina acabou? [1977]

Carestia e o selo em tudo, A [s.d.]

Pé de dinheiro do Banorte [1975]

Vitória da Arena, A [s.d.]

Vitória de Marcos Freire, A [s.d.]

ESPORTE

Brasil campeão do mundo 1970 - Agora, taça é nossa ! [s.d.]

Carreira do Sport com medo do Santa Cruz, A [s.d.]

Chegou o Santa a máquina de fazer gols [1979]

Choro de Leão e as piadas de Fumanchu, O [1978]

Leão de côco [197-]

Leão tirou a titica, campeão 77, O [1977]

Nunes dizendo: obrigado pela classificação [s.d.]

Nunes, Zico e Rivelino: 3 mosqueteiros da Copa [s.d.]

Rumo ao Tetra Campeonato Santa Cruz [s.d.]

Santa, Campeão 73! Ramon 2x0 Pedi um pente, me deram um penta! [s.d.]

Santa Cruz bi-campeão 79 [s.d.]

Seleção do Brasil ganhou mais uma canecão (4x1), A [1976]

Sonho de Dario e o frangaço de Toinho, O [1975]

Sport 75 - 20 vezes campeão [s.d.]

Tiro de carabina não deu prá matar a cobra 3 X 2, Um [19--]

HISTÓRIA

Feitos da Revolução e reformas políticas [1977]

Homem na lua, O [19--]

Sesquicentenário do Diário de Pernambuco, O [1975]

CULTURA

Coisas do sertão [s.d.]

Que o mercado de São José tem, O [s.d.]

RELIGIÃO

Chegada do santo papa, A [1980]

Milagres da Virgem da Conceição, Os [s.d.]

Milagres de frei Damião, Os [s.d.]

Milagres de frei Damião, Os [1981]

HUMOR

Briga dos cachorros com Waldik Soriano, A [s.d.]

Filho de Camões, O [s.d.]

Filho que serrou a mãe e fez um Judas do pai, O [s.d.]

Fim de semana em casa de pobre [s.d.]

Kung-Fu e Satanás arrancando uma botija [s.d.]

Miss Tanga e Mela-Mela o que vi no carnaval [s.d.]

Moça que morreu e o cão não deixou enterrar, A [19--]

Monstro de São Paulo, O [1977]

Morto-vivo, O [1957]

Mulher que deu a luz a um Satanaz, A [1975]

Mulher que matou o marido de "xifre", A [1974]

(variante 1) - Mulher que matou o marido de "xifre", A [1974]

(variante 2) - Mulher que matou o marido de "xifre", A [1974]

(variante 3) - Mulher que matou o marido de "xifre", A [1974]

(variante 4) - Mulher que matou o marido de "xifre", A [1974]

Mulher que matou o marido de "xifre", A [19--]

Negra de um peito só, A [s.d.]

Pega "Ladrão" [1975]

PELEJAS

Discussão de Pelé com Roberto Carlos, A [s.d.]

Encontro de Camões com Canção de Fogo, O [s.d.]

Encontro do coronel Guabiraba, com Tempeiro de Valentão, O [s.d.]

Grande debate de José Soares com Bernardino de Sena [s.d.]

Peleja de José Soares com José Costa Leite [s.d.]

Peleja de José Soares com Josué da Cruz [s.d.]

CONTOS

Exemplo da menina peluda de Paranatama [s.d.]

Homem macaco ou o lubishomem do Cabo, O [19--]

Perna cabeluda de Olinda, A [1976]

Perna cabeluda de Tiuma e São Lourenço, A [s.d.]

Rapaz que casou com uma Porca em Alagoas, O [s.d.]

(variante) - Rapaz que casou com uma Porca em Alagoas, O [s.d.]

Tarado de Palmares e o monstro de Gameleira, O [s.d.]

Vamos arrancar botija [s.d.]

Véia debaixo da cama, A [1975]

Zé do Brejo, o Caipora [s.d.]

JUSTIÇA

Depoimento do padre Hosana, O [s.d.]

Vida pregressa de Olho Verde, A [1977]

FENÔMENO SOBRENATURAL

Abelhas, morcegos e grilos sugando a humanidade. É mesmo de fazer dó [s.d.]

Boi "Roberto Carlos" que dá leite em Carpina!, O [s.d.]

Caramujo de Varzea Nova, O [s.d.]

Cobra de 2 pés e a porca que deu cria a um cachorro, A [s.d.]

Menina fenômeno foi moça com 10 meses, em Arapiraca, A [s.d.]

Menino que nasceu com a cabeça nas costas, O [1975]

CIDADE E VIDA URBANA

Charque de burro, cachorro e cavalo [s.d.]

APÊNDICE C - ALGUMAS TEMÁTICAS PARA CLASSIFICAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL DO ACERVO DO POETA ISMAEL GAIÃO.

Acervo: Site Recanto das Letras

BIOGRAFIAS E PERSONALIDADES

Padre Henrique - um mártir da ditadura (2009)

É Benedito Alves Tiu (2009)

A venda de Joca Galego (2009)

CULTURA

Carnaval de Pernambuco (2011)

Gerações de Poetas Repentistas que divulgam a Cultura
Nordestina

No tempo da minha infância (2009)

O Nordeste é arretado no mundo não tem igual (2009)

Não há terra melhor que o Nordeste, Eu me orgulho aqui é o
meu lugar (2009)

No meio do caminho tinha uma besta (2009)

No nordeste é diferente, é assim que a gente fala (2009)

O São João do Nordeste, é o melhor do Brasil (2009)

ESPORTE

Cordel do Santinha Encantado (2011)

HUMOR

Procurando a mulher certa (2009)

Seu Lunga - tolerância zero! (2009)

JUSTIÇA

Joaquim honrou a sua toga, não defende safado nem ladrão (2009)

MEIO AMBIENTE

As aventuras de Chico o macaquinho fujão (2011)

A coleta seletiva e a reciclagem de lixo (2009)

MORALIDADE

O encontro de Michael Jackson com o menino Jesus (2009)

Prazeres e Vícios do Cigarro (2009)

PELEJA

Licença e perdão (2011)

PODER

Cordel para os candidatos fichas-suhas (2010)

É Jarbas nossa vacina contra a febre amarela! (2009)

Quem já foi um prefeito e não prestou não merece voltar pra governar (2009)

Vamos salvar o Sindicato (2009)

POLÍTICO E SOCIAL

Condado nos tempos de Brogodó (2011)

É propaganda enganosa o que Edberto tem feito (2009)

Condado está como um barco que navega sem ter rumo (2009)

O colorido de Collor que a Globo nunca mostrou (2009)

RELIGIÃO

Oração da igreja glacial do queijo do Reino de Deus (2010)

SAÚDE. DOENÇA

Tempo de ação - CISAM -UPE (2009)

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE A PRODUÇÃO DO POETA JOSÉ SOARES

Questionamentos:

1. O poeta José Soares inicia no mundo do cordel com um cordel que descreve o Brasil através dos estados, segundo dados do site Nordeste.com, isso revela um autor preocupado em registrar a memória?
2. Em que momento o poeta José Soares se auto intitula poeta-repórter?
3. O poeta José Soares tinha uma grande produção do cordel informativo ou de circunstância. Como era o processo de produção desses cordéis?
4. Quais as fontes de informação utilizadas pelo poeta (rádio, jornal impresso, revista)?
5. Havia um interesse maior do poeta pela produção de cordéis informativos? Caso a resposta seja positiva, por quê?
6. Como o poeta visualizava a informação?
7. O poeta José Soares foi dono de uma gráfica em Casa Amarela, perto do estádio do Arruda. Havia alguma pretensão em relação à localização da gráfica, a fim de disseminar de

forma mais rápida os cordéis de acontecimento e circunstanciais sobre futebol?

8. José Soares apresenta no conjunto de sua obra um grande interesse pelo cordel de circunstância, o que despertava o fascínio do poeta nessa temática?

9. A obra do poeta registra fatos importantes da história e memória do país, ele tinha essa noção do valor da sua obra como registro documental?

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE A PRODUÇÃO DO POETA ISMAEL GAIÃO

1. Fale um pouco da sua iniciação no mundo da Literatura de Cordel.
3. No seu acervo presente no site Recanto das Letras há uma forte presença do cordel informativo. Há da sua parte um interesse maior nesse tipo de cordel? Se há, por quê?
4. Como é sua produção no que diz respeito aos cordéis informativos ou de circunstância?
5. Quais as fontes de informação utilizadas pelo poeta (rádio, jornal impresso, revista)?
6. Como o poeta visualizava a informação?
7. Diferente de poetas como Leandro Gomes de Barros e José Soares que viviam da literatura de cordel, poetas contemporâneos como você não sobrevivem financeiramente dessa arte. O que é a literatura de cordel na sua vida?
8. Há nos poetas contemporâneos da literatura de cordel uma forte ligação com as novas tecnologias (redes sociais, homepage, entre outros) para divulgação da sua poesia. Faz uso dessas ferramentas? Caso sim, quais?

9. O cordel informativo despertou o fascínio de grandes poetas como José Soares. No seu caso, o que lhe desperta interesse?

10. A sua obra registra fatos importantes da história e memória do país, você tem noção do valor da sua obra como registro documental?